

06/06/2022

campus repórter



SEGURANÇA SE FAZ EM COMUNIDADE



Viu alguém em
situação de perigo?
Acione a segurança da UnB.

24h Segurança UnB
(61) 3107-6222

Carta do Editor,

Os quatro campi da Universidade de Brasília, na Asa Norte do Plano Piloto, em Planaltina, Gama e Ceilândia, começaram o primeiro semestre de 2022 (concluído em setembro) sob o compasso completo do ensino presencial. O segundo semestre de 22, a partir de outubro, termina apenas em fevereiro de 2023, mas permite a retomada do calendário escolar tradicional, que se inicia em março e vai até dezembro de cada ano. A tradição foi rompida e desfigurada, inclusive com a adoção do ensino remoto, desde que a pandemia da Covid-19 assolou o mundo, no começo de 2020, e levou a vida de quase 700 mil brasileiros até agora.

A edição de número 28 da Campus Repórter ocupa a maior parte de suas páginas com reportagens que descrevem como foi a volta do ensino totalmente presencial na UnB, depois de um ensaio, em meados do segundo semestre letivo de 2021, com algumas aulas e atividades presenciais. O retorno reúne, nos quatro campi da universidade, um universo de cerca de 2.600 professores, 4.300 funcionários efetivos e terceirizados, e quase 49 mil estudantes de graduação e pós-graduação.

O fim de uma saudade e o sentimentos e emoções da comunidade universitária são temas de duas das reportagens que narram a volta ao presencial. Mas, durante a pandemia, ca-sais se encontraram e descobriram afinidades para assegurar uma vida em comum, mostra outro dos textos. E quais foram, para as professoras e professores, os desafios de ministrar aulas fora das salas tradicionais, como fizeram por toda sua carreira? A volta presencial era pedida, esperada e foi comemorada pela maioria. Mas como a vida de estudantes que moram longe, especialmente, do Campus Darcy Ribeiro, foi afetada pela rotina diária e desgastante no transporte coletivo do Distrito Federal e cidades do Entorno?

No momento em que todas as unidades acadêmicas se preparam para implantar 10% da carga horária curricular com disciplinas obrigatórias de extensão, a partir de 2023, a Campus Repórter mostrar o que já se faz nessa área em projetos e programas diversos. Para nunca esquecer que os regimes autoritários devem ser combatidos, um texto conta a saga da UnB invadida por forças da repressão em 1968. A edição da revista se completa com reportagem sobre a poluição do carvão mineral, em Santa Catarina, e um instigante ensaio fotográfico mostrando que nas antigas Cidades Satélites, hoje Regiões Administrativas do DF, a vida pode correr com independência do pulmão administrativo de Brasília, o Plano Piloto.

Boa leitura a todos e um ótimo segundo semestre.

Prof. David Renault
Coordenador da Edição Executiva

O fim da saudade.....6

Sentimentos e emoções na volta às aulas.....14

Do entorno à UnB.....20

Grupos de carona.....28

O desafio de ministrar aulas sem as salas.....36

Como ficou o amor nos tempos de Covid-19 na UnB?..... 44

O Brasil entre armas e livros.....52

Conhecimento além dos muros.....62

No Plano, fora do plano....70

A imortalidade do carvão mineral, em SC.....78

Por Gabriel de Sousa
Diagramação: Fernanda Fonseca
Imagens: Lara Perpétuo

o fim da saúde

Devido ao surgimento de uma doença desconhecida, os estudantes e os espaços físicos da Universidade de Brasília ficaram distantes por 27 meses.



No início de 2021, a carta do editor da edição nº 25 da revista Campus Repórter falava sobre a situação anormal que a UnB viveu durante a pandemia de covid-19, quando, para evitar uma contaminação em massa entre os estudantes, professores e funcionários, a administração acadêmica resolveu encerrar as atividades presenciais nos quatro campi da Universidade. A edição foi totalmente dedicada ao primeiro semestre de 2020, iniciado em setembro, de forma totalmente remota.

A carta fala sobre “o retrato cruel dos espaços vazios, da falta de gente e de movimento”, quando o ensino da UnB, conhecido por sua excelência e diversidade, foi completamente diferente de tudo já vivenciado nos 60 anos da instituição. Durante a pandemia, “todos foram submetidos a um doloroso processo de atividades remotas”, provocado por uma doença que, na época, não dava “sinais de que vai embora”.

Neste segundo semestre de 2022, iniciado em junho, a doença ainda não se foi. Mas, como em todas as tempestades, até mesmo as mais pungentes, a distância entre estudantes, professores, servidores e as instalações físicas da Universidade acabou. E até o momento do fim da saudade, todos tiveram que conhecer, manusear e se adaptar a uma rotina de aprendizado e sobrevivência virtual.

Os espaços físicos da UnB pararam de receber os seus estudantes no dia 12 de março de 2020, na primeira semana de aula, quando a Reitoria decidiu paralisar, por tempo indeterminado, as atividades nos campi para evitar a propagação da covid-19. Os universitários acreditavam em uma breve interrupção, até que, em 18 de agosto daquele ano, se iniciou o primeiro semestre realizado de forma remota, que, o tempo mostrou, seria bem maior.

Ao todo, foram quatro semestres realizados neste formato remoto emergencial, sendo que no último, o segundo semestre de 2022, houve a formulação de um semestre híbrido, onde alguns estudantes puderam ir até os espaços físicos da UnB para realizar aulas práticas e outras atividades específicas. Foi um período difícil, onde aqueles que tinham mais condições financeiras se adaptaram com rapidez, enquanto os que não tinham a mesma possibilidade, tiveram que batalhar para estudar com conforto e conexão.

O retorno de todos os estudantes à sua tão amada Universidade aconteceu no dia 6 de junho de 2022, com o início do primeiro semestre totalmente presencial depois de mais de dois anos. Ao todo, foram 816 dias de saudades e incontáveis vezes



que a maioria desejou que a distância acabasse, e que a normalidade voltasse a pairar na rotina dos universitários.

Calouros do primeiro ao quinto semestre

Com a pandemia, quase a metade da maior universidade do Centro-Oeste viu pela primeira vez os seus professores e colegas pelo brilho do olhar, e não apenas por uma tela de computador. Muitos daqueles estudantes que entraram no primeiro semestre de 2020 e tiveram menos de uma semana de aula presencial, além dos que entraram na UnB nos semestres seguintes, não tiveram uma experiência acadêmica dentro dos espaços físicos da instituição.

Todos eram calouros, do primeiro ao quinto semestre, já que não tinham adquirido vivências com a sua universidade fora do mundo virtual, mesmo muitos já estando na metade da sua graduação. Um destes universitários é Lellis Silva, de 20 anos, estudante do quinto semestre de publicidade e propaganda, para quem os primeiros dias em que pode ir para a Faculdade de Comunicação (FAC), em 2020, foram “os dias mais mágicos e emocionantes” da sua vida.

Ele diz que ainda se lembra do momento em que a UnB suspendeu as aulas presenciais em 2020, e comenta que, de início, a expectativa era que a paralisação fosse quinzenal. “Foi um grande balde de água fria quando paralisaram as aulas por 15 dias. Enquanto para os meus veteranos seriam só mais 15 dias de férias, para mim, seriam mais 15 dias de espera para que eu conseguisse começar a viver o meu sonho”, diz o estudante.

Mas foi pior. Lellis explica que, ao longo dos semestres remotos, sentiu que toda a sua trajetória de preparação para o ingresso na Universidade teria sido em vão, já que o seu desejo era poder interagir com os espaços físicos e outros universitários: “Parecia que tudo aquilo que eu tinha lutado para con-

quistar não iria acontecer. Aqueles anos de estudo, que eu tinha me dedicado para conseguir entrar na UnB, não iriam valer de nada.”

Morador de Santo Antônio do Descoberto, município goiano do Entorno do DF, Silva reconhece que o ensino remoto deixou a sua rotina mais cômoda, já que não precisava mais se deslocar por duas horas em um transporte coletivo para chegar em sua residência. Além disso, como não há passe estudantil para as linhas intermunicipais, Lellis chega a gastar mais de R\$ 300 mensais para ir e voltar da UnB.

Apesar do peso em sua carteira, Lellis estava louco para recomendar o ensino presencial e diz que, com o “calor humano”, a experiência na UnB é diferente e o seu aproveitamento acadêmico nas disciplinas de publicidade e propaganda é maior. “Eu tenho TDAH, (transtorno neurobiológico que inclui dificuldades de atenção, hiperatividade e impulsividade) não consigo me concentrar só na tela. Eu estava na aula, escrevendo matéria, estava no Twitter e estava conversando com clientes. Nunca conseguia estar focado somente na aula”, afirma.

A experiência do universitário, tanto com o ensino remoto quanto com o presencial, faz com que ele apoie a ideia de haver um ensino híbrido na instituição, já que há matérias que podem ser ofertadas no ambiente virtual, o que faria com que o aluno economizasse tempo e dinheiro com a sua locomoção. “Eu acho que a UnB poderia realizar uma forma de ensino híbrido. Por exemplo, algumas matérias poderiam ser oferecidas de forma remota, se baseando apenas em orientações do professor sobre um projeto”, observa Lellis.

O ensino remoto foi uma necessidade

De acordo com Beatriz Amorim, de 21 anos, estudante de ciências sociais e membra do Diretório Central dos Estudantes (DCE) - Gestão UnB é Nossa - o ensino remoto não teve nenhuma vantagem para

o aprendizado acadêmico, sendo apenas uma alternativa necessária para a realização das atividades da UnB.

“De fato, a gente teve uma perda na qualidade de ensino, não teve um ambiente de estudo adequado. [...] O balanço que a gente faz do ensino remoto, apesar de que tenha sido necessário em dado momento, é que foi muito negativo para o nosso aprendizado. Mas, não tinha outra saída naquele momento”, afirma a estudante.

Ela, que também participou da antiga gestão do DCE que estava em atuação durante a paralisação das atividades presenciais em 2020, lembra que, de início, a representação discente foi favorável à implantação do ensino remoto. Beatriz recorda que não haviam vacinas e que o número de óbitos diários pela covid-19 deixava a situação alarmante e assustadora.

“De primeira, a gente achou acertada a decisão de não retornar. Como era um período em que a gente não estava entendendo nada do que estava acontecendo, tinha muitos parentes e até mesmo estudantes estavam adoecendo, não tinha vacina. Era um cenário muito sem esperanças, a gente não tinha cabeça”, conta.

Com o início do ensino remoto, o DCE conseguiu a conquista de normativas que beneficiaram os estudantes da Universidade, como a de conseguir retirar a matrícula das disciplinas até o último dia do semestre, sem precisar de uma justificativa. Além disso, a instituição não poderia afetar, de alguma forma, os valores presentes Índice de Rendimento Acadêmico (IRA).

A emoção de poder retornar

Para que o retorno presencial fosse uma realidade, muito se deve ao trabalho feito pelos centros acadêmicos e movimentos estudantis da UnB, que, ao longo de todo o período pandêmico, buscou auxiliar os estudantes e pedir por melhorias e suportes por parte da gestão da UnB. Por exemplo, a criação do auxílio saúde mental por conta da pandemia e o auxílio-alimentação emergencial, foram pautas oriundas do desejo discente.

Um dos centros acadêmicos que se mostraram mais ativos durante o contato entre os universitários e a Reitoria foi o Centro Acadêmico de Letras (Calet), que diz ter feito uma “grande reformulação” e formado uma “guerrilha digital” para engajar os estudantes fora dos espaços físicos da UnB.

Sentimentos e emoções na volta às aulas

O retorno às aulas na Universidade de Brasília (UnB) veio com vários sentimentos e emoções, dentre eles, entusiasmo e felicidade misturados com medo e receio. Compreender esse turbilhão de sentimentos que os alunos têm nesse momento de volta às atividades presenciais é um trabalho bastante complexo.

Reportagem: **Gláucia Porfíria**
Diagramação e foto: **Guilherme Damasceno**



Existem os estudantes que ficaram empolgados em rever colegas, outros que finalizaram suas graduações de maneira remota e até aqueles que ficaram mais apreensivos diante dos riscos de contaminação pela Covid-19.

A Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU) realiza ações de prevenção, promoção de saúde e atenção psicossocial. A atuação da DASU é intersetorial, visando à elaboração conjunta de boas práticas, a construção de redes de cuidado e a implementação dos princípios de uma Universidade Promotora de Saúde (UPS). As atividades direcionadas à prevenção e à promoção da saúde e à atenção psicossocial que traduzem em melhoria na qualidade de vida, física e mental das pessoas assistidas podem ser vistas, por exemplo, através das ações FalArte, Nutrir-se e Intervenção em Crise.

Somando as três ações desenvolvidas pela DASU, no período de agosto a dezembro de 2019, antes da pandemia acontecer, foram atendidas 88 pessoas. O número de atendidos durante a pandemia, de março de 2020 a dezembro de 2021, foi de 314 pessoas. Com a volta do presencial, de janeiro a junho de 2022, no período pós-pandemia, a quantidade de pessoas atendidas decaiu para 70.

Esses dados mostram o que se pode ver no dia a dia: com o início tão repentino de uma pandemia, as pessoas não estavam preparadas psicologicamente para lidar com os transtornos causados por ela. De acordo com o Ministério da Saúde, as pessoas reagem de maneira diferente a situações estressantes. Como cada um responde à pandemia pode depender de sua formação, da sua história de vida, das suas características particulares e da comunidade em que vive.

Com a paralisação total das aulas na Universidade de Brasília, professores e alunos ficaram sem saber como dar continuidade às atividades de ensino sem que atrapalhasse o rendimento e o aprendizado. Medo de atrasar a formatura, sensação de que a universidade ia parar por não estar preparada para aula remota e sentimento

de não saber o que fazer, foram algumas das emoções sentidas pelos universitários. Depois de um semestre sem aulas e mais de sete horas de deliberação, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) decidiu que a retomada de atividades na UnB seriam não presenciais e que começariam dia 17 de agosto de 2020. Com isso, foi preciso reinventar os métodos de ensino.

A volta das aulas de maneira remota proporcionou vivências e experiências novas aos discentes e docentes. Felipe Henrique dos Santos Melo, veterano do 10º semestre de Matemática, ficou frustrado com as aulas online por achar que terminaria a graduação com atraso, mas com o passar do tempo, pôde observar que o ensino à distância tem contras, mas também tem os prós. Ele dá como exemplo a praticidade de ter aulas virtuais, já que não precisa pegar ônibus ou metrô e enfrentar filas para assistir uma aula. Além disso, entende que têm pessoas que possuem conexão ruim, mas que, para quem apresenta as condições mínimas, foi muito mais prático e confortável, visto que, era possível participar das aulas sem “muito esforço”. Felipe complementa dizendo que são métodos de ensino distintos e não tem como um professor querer que a duração de uma aula presencial seja igual a uma aula remota, pois é muito tempo que o estudante fica em frente a telas.

Dados de uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Urologia, de 2020, mostram que o aumento do uso de telas, como computador, televisão e celular, por mais de seis horas diárias, por crianças e adolescentes entre 12 e 18 anos passou de 17,39%, antes da pandemia, para 59,4%.

Eduardo Itio Kunzler Yonezawa, graduado em Ciências Contábeis durante a pandemia, contou que foi difícil se formar no ensino remoto, porque ficou os primeiros anos do curso na modalidade presencial e precisou se adaptar nos últimos dois anos para o modelo remoto. “Foi muito desafiador porque eu gostava muito do presencial e é o presencial que faz a gente es-

tudar mais. O ambiente é ‘pra’ isso”. Um bom desempenho nas matérias a distância é mais fácil, mas isso não quer dizer que você de fato aprendeu o conteúdo.

Outrossim, o recém-formado em Ciências Contábeis mostra sua visão dizendo que o ensino remoto deu certo, entretanto, o docente perdeu um pouco o controle de observar se as pessoas estão prestando atenção ou não. “Em algumas matérias a didática era boa, tinha um bom material e vários trabalhos, então eu conseguia focar na aula e de fato aprender, e em outras, infelizmente, não.” Assim que as aulas voltaram, alguns professores mantiveram o modelo de aulas híbrido e outros retornaram com as atividades 100% presenciais.

Conforme a Agência Senado, o estudo Perda de Aprendizagem na Pandemia, uma parceria entre o Insper Instituto de Ensino e Pesquisa e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de ciências exatas e 38% de ciências humanas, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais.

Isabelle Reis Tavares, caloura do primeiro semestre de 2022 em Psicologia, relata que também teve a experiência remota, mas foi no ensino médio. Vendo a atual demanda da faculdade, que é superior a do ensino médio, supõe que tenha sido muito difícil as aulas à distância para os universitários.

Enquanto alguns alunos tiveram dificuldades em socializar no formato online, outros tiveram a maior facilidade. Isadora Martins Santos é estudante do 5º semestre de Comunicação Organizacional e assistiu apenas a três dias de aulas presenciais na Universidade. Isadora, que estava totalmente animada para a vivência na tão sonhada Faculdade de Comunicação, teve seus planos interrompidos pela pandemia.



Isabelle Tavares e Isadora Santos, respectivamente, em frente à secretaria de seus cursos. Foto: Gláucia Porfíria.

Com uma experiência prévia na UnB, a estudante já havia escutado sobre as empresas juniores (que tem como função desenvolver seus membros por meio da prática empresarial para que sejam empreendedores capazes de impactar positivamente a sociedade), se identificou com uma, começou a fazer parte e fez amizades com os outros integrantes da empresa pelas redes sociais.

Depois de um longo e intenso período afastados da universidade, os calouros e veteranos puderam voltar para as aulas presenciais dia 06 de junho de 2022. Além de ser um início de semestre repleto de atividades que já aconteciam antes da suspensão de aulas na UnB em março de 2020, começo da pandemia, no ano de 2022 a recepção dos novatos foi ainda maior, por conta da chegada de 15 mil estudantes que entraram a partir de 2020 nunca tiveram aulas nos campi.

Felipe Henrique, quase formando em Matemática, não ficou nem um pouco animado com a volta presencial. “Eu não vou aprender tudo na aula dele (do professor), então não faz sentido pra mim. Vou ter que estudar de qualquer forma depois, então ‘pra’ que que eu tenho que ir lá (na sala de aula)? Só pra cumprir tabela?”. Para ele faz sentido em outros contextos, no sentido social, de convivência,



Felipe henrique, graduando em matemática.

de aprender um pouco mais, para matérias práticas. “Para matérias que têm muita teoria não faz sentido voltar ao presencial”.

Se para veteranos já é complicado, para alunos que acabaram de sair do ensino médio é muito mais, afinal as diferenças entre este ensino de ensino e a faculdade são enormes. Por isso, esse ciclo é marcado por uma fase de grandes mudanças na vida pessoal e acadêmica do graduando. Quando estudantes passam no vestibular e são aceitos na universidade, acreditam que a dor, a ansiedade e a tensão da escola preparatória passarão, mas não é a verdade. Com muitas responsabilidades e novidades do novo ambiente, esse período de adaptação pode vir a ser desagradável.

A estudante de Psicologia, Isabelle Reis, explica que a semana inicial de volta às aulas foi muito boa por ter tido diversas atividades e dinâmicas desenvolvidas pelo curso. Mesmo sendo bem recebida pelos veteranos, ficou um pouco confusa com tantas informações. “Me senti muito acolhida pelas pessoas, mas também é muita informação ‘pra’ minha cabeça. São muitas siglas, prédios, salas. É uma dinâmica totalmente diferente do que você ‘tá’ acostumada numa escola (...) Tive suporte dos veteranos, eles ajudaram muito. Houve até a cerimônia de apadrinhamento (quando um veterano escolhe um calouro para auxiliar ao longo do semestre)”.

Depois que os alunos entram na universidade, possuem várias cerimônias de recepção, como trotes, calouradas e festas universitárias. Isadora Martins, caloura do 5º semestre, disse que não tem a mesma empolgação que tinha para os eventos quando entrou no curso de Comunicação Organizacional, mas que continua indo por gostar do ambiente e por conseguir voltar em segurança para casa. Por outro lado, Isabelle tem medo de ir nas calouradas e festas universitárias, exatamente por conta da segurança.

A violência registrada nos campi da UnB é uma questão que preocupa todos que frequentam os espaços. Cecília Lopes, assessora de imprensa da Universidade de Brasília, relata que

muitos estudantes não estão informados sobre as novas medidas de segurança, o que causa ainda mais dúvidas. Ela destaca que duas das providências mais importantes tomadas pelo Comitê Permanente de Segurança são os Corredores de Segurança (cinco trajetos que englobam as principais vias do campus e possuem rondas de vigilantes mais intensificadas) e os Totens (botões de emergência para aqueles que se sentirem ameaçados apertarem e solicitarem socorro). Cecília acrescenta que é mito dizer que policiais não podem entrar na Universidade: “O campus não é uma bolha! Está dentro da Asa Norte e a gente sofre todas as mazelas que a sociedade sofre.”

Somado a isso, o Comitê expõe que foram instalados mais câmeras nos campi, trocadas as lâmpadas nas áreas mal iluminadas e colocadas 14 cadeiras altas nos estacionamentos para os vigilantes, o que, além de amparar os alunos, também evita furtos e roubos de veículos. Ainda possuem 253 vigilantes, 278 agentes de portaria, 193 vigilantes terceirizados e mais de 500 câmeras para auxiliar nessa proteção.



Eduardo Itio, formado em contábeis pela UnB (reprodução instagram).

Mesmo com as declarações da UnB, as estudantes Isabelle e Isadora acreditam que para melhorar a segurança é preciso aumentar ainda mais a vigilância e iluminação, pois são pilares de extrema importância.

Apesar dos conflitos que ocorrem durante a trajetória acadêmica, os alunos passam por experiências únicas e que, com certeza, ficam marcadas em suas histórias. Felipe Henrique, veterano de Matemática, expressa que é preciso manter o respeito para avançar. “Precisamos sempre nos respeitar, respeitar o nosso tempo, a nossa realidade e, acima de tudo, não nos comparar com ninguém. Não é uma competição e cada um tem o seu tempo. Deem o seu melhor nas condições em que estão.”

Com empolgação, Eduardo Itio, ex-aluno de Ciências Contábeis, aconselha os discentes: “Aproveitem a UnB. Foi um privilégio eu ter me formado nessa universidade. Eu acho que a vivência é muito importante, por isso, participem de atividades acadêmicas e de eventos de extensão. Viva a Universidade!”

DO ENTORNO À UNB

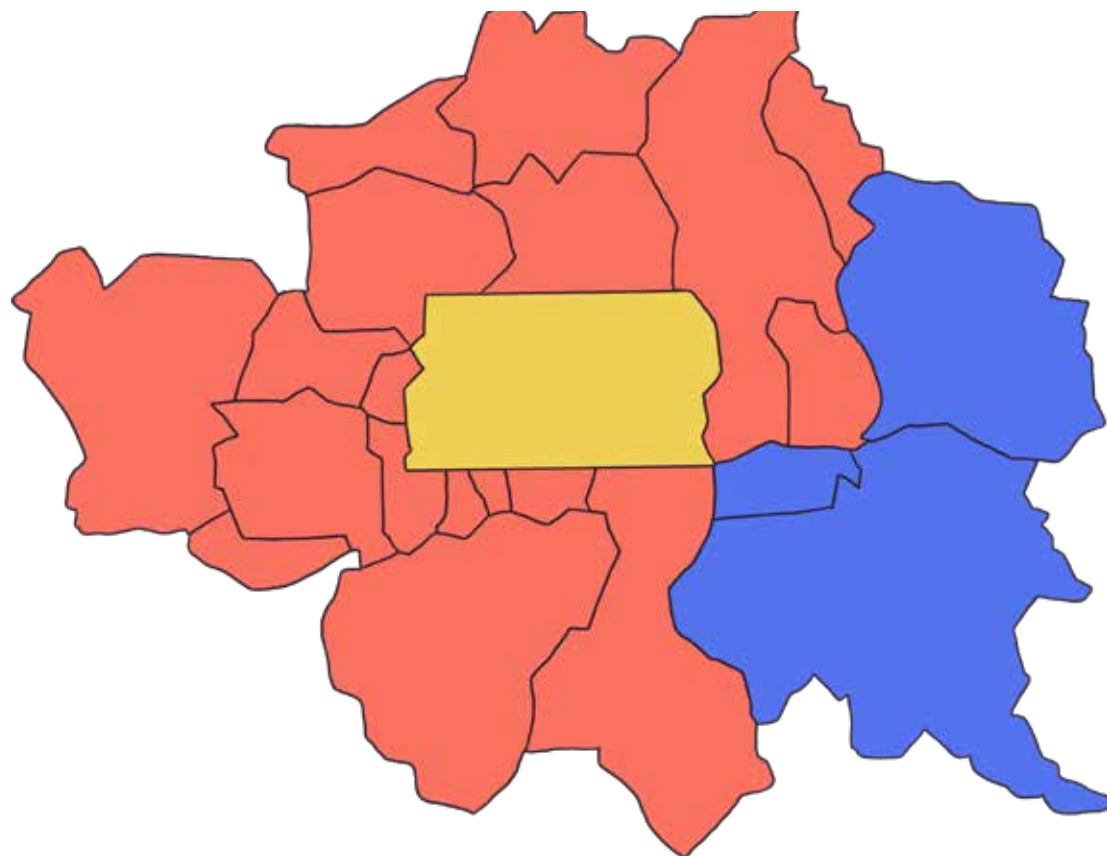
Reportagem: **Pedro Sales**
Diagramação: **Fernanda Fonseca**
Ilustrações: **Daniel Sousa**

Mais de dois anos. Um total de 27 meses. Ou, simplesmente, 814 dias. Durante todo esse tempo a Universidade de Brasília esteve fechada e milhares de estudantes tiveram suas experiências universitárias mediadas por telas, por reuniões remotas, pelo Zoom ou pelo Classroom. Entretanto, a espera acabou este ano. Chega de saudade, até mesmo daquilo que ainda não viveu. No dia seis de junho, a UNB retomou suas atividades presenciais, para a felicidade de inúmeros estudantes.

Desde então, muitos deles começam só agora a ter seus primeiros contatos com o ambiente acadêmico. Existem calouros do primeiro ao quinto semestre, pois ingressaram durante o período pandêmico. Junto às experiências universitárias, surge também o uso constante do transporte público. Os alunos começam a conhecer as filas para a linha 110, que tem o itinerário da Rodoviária do Plano Piloto ao Campus Darcy Ribeiro da UnB.

Segundo a Secretaria de Transporte e Mobilidade do DF (Semob), desde o dia 7 de julho, a linha 110 teve um aumento de 32% na oferta de viagens. Ao todo, são realizados 195 trajetos diários, em razão da volta às aulas. Os ônibus saem com intervalos entre 4 minutos,





durante a manhã, e 5 minutos, no período da tarde e da noite. A média diária de acessos registrados pela linha, de segunda a sexta, é de 13.300, mas não quer dizer que seja o número de pessoas, uma vez que estudantes podem fazer mais de uma viagem por dia.

Apesar da melhoria, não é raro ouvir os estudantes reclamarem do transporte público. Se até mesmo alunos residentes do Distrito Federal enfrentam atrasos e longos períodos dentro dos ônibus, para os estudantes que moram em cidades do Entorno, isso é ainda pior. A maior dificuldade é a falta de um passe estudantil integral para esses alunos. Eles, assim como os moradores do DF, têm direito ao passe, que, entretanto, se restringe apenas aos limites do Distrito Federal. Dessa forma, a primeira viagem, da cidade do Entorno até a rodoviária, não é contemplada pelo benefício.

As passagens pesam no bolso dos estudantes. Do Novo Gama até a rodoviária, a tarifa custa R\$ 8,40. De Santo Antônio do Descoberto para a rodoviária, R\$ 7,30. No fim do mês o montante chega a quase R\$ 300. Um custo relativamente alto para o traslado casa-universidade.

Junto disso, outro problema é o tempo, por conta da distância entre as cidades do Entorno e o Campus Darcy Ribeiro, um deslocamento longo que varia de 40 até 60 quilômetros. Os estudantes relatam passar entre 3h30 e 4 horas dentro do ônibus, diariamente para ir e voltar da universidade. Para os que têm aulas no período matutino, significa acordar demasiadamente cedo, antes mesmo do nascer do sol.

José Arthur Emídio, 21, estudante de Ciências Sociais, é morador de Santo Antô-

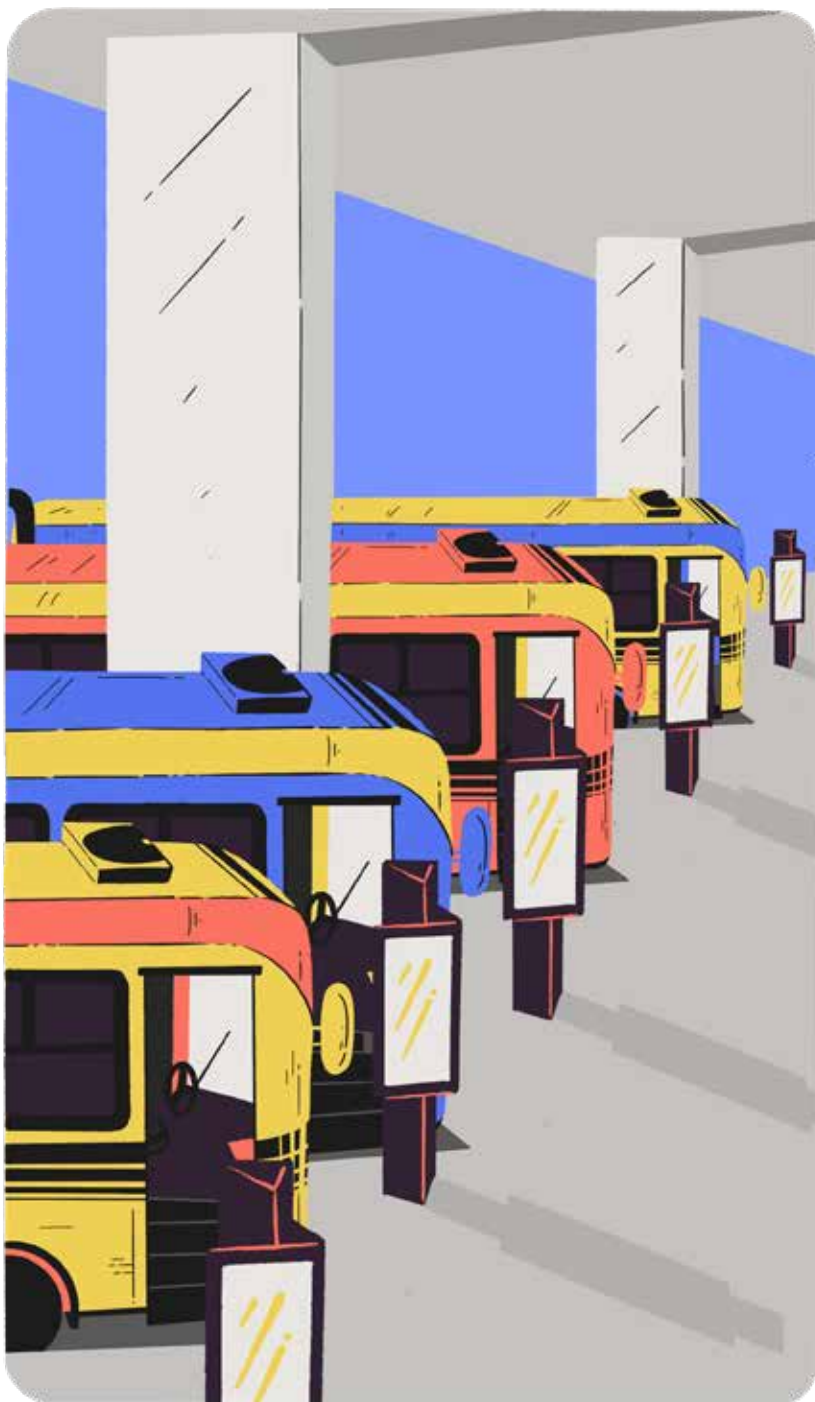
nio do Descoberto e expõe os principais desafios de se morar no Entorno e estudar na UnB. Sua rotina começa às 5h30 da manhã, quando acorda. Das 6h até às 8, é o período em que José está no ônibus para chegar na universidade. Mas ele não vai todos os dias de ônibus, em dois, vem de carona com um colega da mesma cidade. Ele chega em casa às 11 da noite. Até organizar tudo para o dia seguinte e se deitar, já são 1 da manhã. E o ciclo se repete.

Ao todo, ele gasta por volta de quatro horas no transporte público. Um desgaste diário que impacta diretamente o estudante. Sobre isso, ele afirma: “A UnB não me cansa. O que me cansa é pegar ônibus, muitas vezes em situações precárias, lotados”.

Além do desgaste físico enfrentado no transporte público, José não se sente seguro dentro dos ônibus. Para ele, isso o afeta até academicamente, uma vez que não consegue ler os textos da aula durante as viagens. “Eu sinto muita dificuldade em ler no celular, porque a tela é pequena. E, querendo ou não, é um ônibus perigoso, com muitos casos de assalto”, declara o estudante de Ciências Sociais.

Outro problema enfrentado pelo universitário é a questão econômica. Mesmo vindo de carona, ele contribui com a gasolina o mesmo valor da passagem, R\$ 7,30. No final do mês, gasta mais de R\$ 230,00 apenas com transporte. “É uma grana que faz falta”, relata José. “Às vezes acaba o meu dinheiro no meio do mês e eu tenho que me virar para continuar vindo”.

Quando um ônibus quebra, não passa ou demora a chegar por conta do trânsito, José já sabe que vai se atrasar. Em uma ocasião, da



aula com duração de uma hora, ele perdeu 40 minutos devido ao engarrafamento. Assistiu apenas os vinte minutos finais. “Gastei dinheiro e vim à toa”. Ele ainda salienta que alguns professores encaram o atraso com cara feia e até mesmo “mandam indiretas na sala”.

A experiência de Vitória Santos, 20, estudante de Economia, é um pouco diferente da de José Arthur. Também moradora do Entorno, a universitária acorda às 5h da manhã para sair da Cidade Ocidental e chegar ao Campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte. Precisa pegar três ônibus, sendo que o primeiro parte às 5h40.

Vitória não paga passagens, possui passe-livre na Cidade Ocidental, em razão de uma deficiência na perna. Entretanto, relata que mesmo com a comorbidade e a preferência dos assentos da frente, na maioria das vezes vem em pé. Em certa ocasião, cedeu seu lugar a uma mulher grávida, enquanto pessoas que não possuíam preferência permaneciam sentadas e fingindo dormir. “Mesmo tendo passe, a gente viaja muito desconfortavelmente. Poderia ter o cartão igual aqui no DF, para as pessoas passarem para trás”, declara.

O desconforto de vir em pé se soma aos longos períodos de deslocamento no transporte público. Diariamente, 4 horas do dia são passadas dentro dos ônibus. A estudante diz que “o pé chega em casa ardo” depois de tanto tempo em que permanece em pé. Para driblar o cansaço físico, Vitória busca distrair a mente, usando o celular durante o trajeto. “Tenho que ficar no celular, senão fico agoniada”.

Para a estudante, os maiores desafios em ser moradora do Entorno e estudar na UnB são chegar no horário e estar com a cabeça tranquila. Segundo os relatos de Vitória, o desgaste físico é diário, estendido pelas quatro horas no transporte. Mesmo possuindo direito de vir sentada, na prática, isso não acontece.

O graduando em Comunicação Organizacional, Keven Jordão, 22, também vive os desafios diários do deslocamento interestadual. O estudante é morador de Valparaíso e suas vivências são bem distintas das dos outros entrevistados. Sua rotina não começa tão cedo. Durante o período da manhã e tarde ele trabalha e só à noite frequenta as salas de aula.

Pelo fato de estudar em um curso noturno, Keven quase nunca se atrasa, uma vez que sai do trabalho, no DF, direto para a Universidade de Brasília. As aulas vão das 19h até às 22h30, mas o estudante afirma que os professores são compreensivos, entendem o que significa sair da UnB a esse horário. “Os professores sabem as dificuldades que a gente tem em questão de ônibus, então eles sempre liberam mais cedo”, explica.

Em Valparaíso, Keven pega um ônibus com destino à rodoviária, e de lá, o 0.110. Apesar de existir uma linha específica na cidade do Entorno que vai direto à UnB, os horários do ônibus não se adequam aos horários das aulas dele. Ainda sobre horários, o estudante destaca a pontualidade das linhas do Valparaíso. “Os horários são bem certinhos. Eu sempre saio com um tempo de antecedência para garantir que não vou chegar atrasado”.



Assim como os outros, ele lida com o tempo perdido no ônibus, algo por volta de 3 a 3 horas e meia. Ele passa esse tempo ouvindo música no celular. Às vezes, ao levar um livro, o cansaço toma conta. “De vez em quando, eu levo um livro para ler, mas como estou muito cansado da rotina, eu acabo dor. Na questão econômica, Keven gasta mais de R\$ 200,00 mensais. Ele afirma que “se não estivesse trabalhando, seria uma coisa que pesaria muito”. O universitário reconhece que o fato de trabalhar dá uma tranquilidade no deslocamento, pois, além do salário, ele recebe vale-transporte nos dias em que trabalha presencialmente. É, porém, uma tranquilidade que muitos outros estudantes do Entorno não têm.

Mudanças e Lei

Como nem todos os estudantes possuem condições de gastar mensalmente entre R\$ 200,00 e R\$ 300,00, a Universidade de Brasília oferece um Auxílio-Transporte para estudantes do Entorno do Distrito Federal. É um benefício que alunos em vulnerabilidade podem solicitar pela DDS (Diretoria de Desenvolvimento Social).

Atualmente, das 200 vagas disponíveis para o Auxílio, existem 119 estudantes contemplados que recebem mensalmente um valor de R\$ 300,00 reais para arcar com os gastos regulares com passagens de ônibus para acesso ao campus universitário. O próximo edital tem previsão de ocorrer em outubro deste ano. Ainda assim, o benefício

não se estende se estenderá a todos os estudantes em vulnerabilidade.

A Universidade de Brasília faz sua parte ao amparar estudantes em situação de vulnerabilidade econômica. O que falta, entretanto, é uma medida governamental para garantir o mesmo direito de passe-livre estudantil aos estudantes do Entorno. A luta por esse direito já é antiga, mas parece que finalmente chegará ao fim, com a aprovação de uma lei distrital regulamentando o assunto.

Gabriel Eduardo, mais conhecido em suas redes por Biel, é um estudante de Direito engajado com a luta pelo passe-livre estudantil para os alunos do Entorno. Morador de Luziânia e pré-candidato a deputado estadual de Goiás pelo Partido dos Trabalhadores (PT), é mais um de tantos que lida com as longas e custosas viagens interestaduais. O movimento pelo direito já vem desde 2018, todavia, só durante esse ano que passos significativos foram dados.

O primeiro passo foi uma reunião entre estudantes e representantes da Semob (Secretaria de Transporte e Mobilidade). De acordo com Biel, “o órgão informou que não poderia estender o passe pela falta de uma lei complementar”. A solução foi, então, buscar o amparo legal, por meio de uma lei distrital. Biel procurou a deputada distrital Arlete Sampaio (PT-DF), em razão de sua proximidade política e ideológica com a parlamentar. Entretanto, não avançou com ela, mas com o deputado distrital e vice-presidente da Câmara Legislativa, Rodrigo Delmasso (Republicanos - DF).

Delmasso iniciou a trajetória política no movimento estudantil e se prontificou em criar e apresentar a lei quando procurado por Biel e pela UNE (União Nacional dos Estudantes). O Projeto de Lei Complementar 131/22 já foi lido na Câmara Legislativa e deve entrar em votação ainda este ano.

Para o deputado, o PL é apenas uma reparação de um direito não dado. “O projeto surge para corrigir uma injustiça”, declara. Em razão disso, acredita que a adesão de seus colegas parlamentares será total, uma vez que é um direito essencial, que repara uma injustiça. O parlamentar afirma: “acredito que será votada e aprovada por unanimidade”.

Se sancionada pelo governador Ibaneis Rocha (MDB), a lei irá beneficiar cerca de 3 mil estudantes residentes do Entorno que estudam no Distrito Federal. O gasto anual com as isenções das passagens, segundo o deputado, será entre R\$ 10 e R\$ 15 milhões. Pelo fato de esse acréscimo na receita do Distrito Federal ser um valor relativamente baixo, Delmasso acredita que não vai haver veto do Palácio do Buriti.

Enquanto a lei não é votada, Biel continua colhendo assinaturas por meio de seu WhatsApp, as quais garantem que mais estudantes do Entorno tenham acesso ao direito e tenham voz nas decisões políticas. Até a votação e consequente promulgação, os alunos, por sua vez, permanecem enfrentando diariamente os altos custos das passagens, aliado a rotinas extenuantes e cansativas.



GRUPOS DE CARONA: AINDA FUNCIONA?

Reportagem: **Brenda Silva**
Diagramação: **Guilherme Damasceno**
Ilustrações: **Daniel Sousa**

Quem depende de transporte público no Distrito Federal se depara com muitas dificuldades ao sair de casa. Entre essas pessoas há muitos estudantes da Universidade de Brasília (UnB). Em 2018, quando o último anuário estatístico foi divulgado, a instituição tinha registrado mais de 39 mil estudantes de graduação e oito mil de pós-graduação, mestrado e doutorado. Todos esses alunos se deslocando para um dos quatro campi da Universidade durante a semana têm impacto no trânsito e ainda mais no transporte público.

Em meio a este cenário, há quem busque outras alternativas para chegar à UnB, além de ônibus e metrô. Quem não tem veículo próprio à disposição e não mora perto do campus investe em vans ou ônibus escolares. Em alguns casos, as caronas são uma opção. É o caso de Marina de Almeida Magalhães, que abriu mão de pagar uma van e intercala ônibus com caronas para frequentar a UnB neste semestre.

Marina tem 20 anos, cursa Ciência Ambientais desde 2019 e mora em São Sebastião. Segundo a estudante, depois de 21h não existe ônibus direto do Campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte, para a sua casa. Para não ter que passar pela Rodoviária do Plano Piloto tarde da noite e para conseguir chegar mais cedo em casa, Marina tenta pegar caronas com outros alunos da instituição.

Há pouco tempo, na vida pré-pandemia, as caronas solidárias já faziam parte do dia a dia de vários estudantes da UnB. Aplicativos populares no Brasil, e até um criado por alunos da própria instituição, tentavam facilitar a vida de quem vê na carona benefícios para si mesmo e para os outros. Apesar dos esforços dessas iniciativas, os mais utilizados pelos estudantes continuaram sendo os grupos de mensagens, principalmente por meio do WhatsApp.

Nas redes sociais, há registros de grupos de carona entre estudantes da UnB desde 2011, mas a popularização veio mais tarde, a partir de 2016. Nesse mesmo ano foi lançado o Carona Phone, o primeiro aplicativo criado na UnB com esse foco. O objetivo era facilitar a dinâmica e melhorar a segurança das

caronas entre estudantes da instituição. O aplicativo, porém, não está mais disponível nas lojas de smartphones. A última atualização é de 2019, pouco antes da chegada da Covid-19 ao Brasil.

A VOLTA DAS CARONAS

Em meio à emergência global de saúde por um vírus transmitido pelo ar e por superfícies, as aulas, de forma semelhante às caronas, se tornaram atividades de grande risco de contágio. E assim começou o isolamento social, em março de 2020. Ao iniciar o ano de 2022, boa parte da população brasileira já tinha voltado às atividades presenciais. A vacinação contra a Covid-19 e, consequentemente, a diminuição de casos proporcionaram isso. Com o retorno das aulas presenciais da UnB, no início de junho, não demorou muito até que os grupos de carona no WhatsApp voltassem à ativa.

Foi assim que Marina encontrou as caronas que facilitarão sua volta para casa após as aulas noturnas. Entre as experiências, conheceu Café Filho, também aluno da UnB e morador do Jardim Botânico. Café Filho é apelido de Iago Freitas Leandro, que cursa Ciência Política desde 2019. Aos 21 anos, o estudante é um dos que oferecem, mas, às vezes, também pega carona por meio do grupo no WhatsApp.

Ele tem uma situação parecida com a de Marina, o único ônibus que conecta a UnB ao Jardim Botânico não roda após 18h. “Além da linha não contemplar a totalidade do Setor de Habitações Jardim Botânico, acaba excluindo os alunos dos cursos e disciplinas noturnos”, explica. A diferença é que o estudante dispõe do carro da família em alguns dias da semana, já que a mãe trabalha em casa.

Café Filho não vê motivo para não dar caronas para outros estudantes e acredita que a atitude pode economizar tempo e levar conforto para o outro. “Estamos todos nos afogando nas mesmas águas universitárias. Se eu tenho uma boia relativamente grande, não há motivos para não dividir”, explica. “Um a cinco minutos a mais para esperar ou buscar alguém não prejudica de forma alguma”, completa o estudante.





O motorista Café Filho e Marina em uma situação que virou comum aos dois, a carona.

CONHECENDO PESSOAS

Quase toda segunda-feira, à noite, Marina pega carona com Café Filho. “Facilita muito a minha vida e chego mais cedo em casa”, conta a passageira. Marina já conhecia o estudante de uma rede social e também topou com ele no ônibus uma vez. Entretanto, ela acredita que as caronas ajudaram na criação de um vínculo de amizade entre eles.

Como muita gente pôde ficar em casa para respeitar as medidas de proteção contra a Covid-19, as interações sociais com quem não mora no mesmo local se resumiram ao mundo virtual. O retorno das atividades na UnB requer não apenas a readaptação às aulas presenciais, mas também a reconexão com antigas amizades. Além disso, criar novas relações, depois de dois anos sem estar fisicamente com outros estudantes, também é parte importante na saúde dos alunos. E as caronas podem ajudar nesse aspecto.

Café Filho explica que há pessoas que não costumam jogar conversa fora durante o trajeto. “Há passageiros que preferem o ‘Uber silencioso’, mas a maioria puxa assunto”, brinca. Para Isabella Lopes Franco, estudante de Engenharia Civil na UnB, a conversa é um ponto positivo. “Eu sou uma pessoa muito comunicativa, então para mim é sempre muito tranquilo conhecer novas pessoas e trocar ideias”, afirma.

Isabella tem 25 anos e conta que já teve experiências com carona para a UnB antes da pandemia. A primeira vez, em 2019, foi por meio do aplicativo BlaBlaCar. Com o retorno das atividades presenciais da universidade, a estudante resolveu testar os grupos de carona. O semestre ainda não acabou, mas Isabella fala sobre esse lado social: “Já criei muitas relações de amizade com o pessoal que eu pego carona. Sempre converso bastante e trocamos vários fatos legais”.

Café Filho diz que as conversas costumam começar no tema UnB, já que é “a primeira semelhança à vista”, mas depois se aprofundam. “Sempre ouço um: ‘ah, tu faz tal curso, tu conhece o fulano?’. Como Brasília é um ovo, sempre tem um ponto em comum que dá para desenrolar o assunto”, explica.

SEGURANÇA

Segundo um estudo de 2018, feito pelos professores da UnB Rafael Rodrigues e Andrea Cabello, cerca de 78% dos ingressantes na instituição, entre 2013 e 2015, moravam fora do Plano Piloto. No levantamento, a Região Administrativa (RA) de Taguatinga está em segundo lugar, com 2.512 alunos e perde apenas para a Asa Norte, com 3.832.

No Distrito Federal, Taguatinga é a quarta RA mais populosa, conta com mais de 217 mil habitantes, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2018. A cidade fica atrás apenas de Ceilândia, Samambaia e Plano Piloto. Além do tamanho, Taguatinga também é conhecida por sua cultura e pelo pioneirismo em Brasília. Mas, assim como outras regiões, tem seus problemas de mobilidade.

É na parte norte da cidade que Isabella mora. “A maior dificuldade que eu tenho para o transporte é a questão dos horários noturnos após as aulas. E, às vezes, de manhã, a questão do volume de pessoas”, explica. Como precisa estar cedo no Campus Darcy Ribeiro, a estudante se depara com ônibus lotados, além do trânsito, já nas primeiras horas da manhã. Foi neste cenário que começou a buscar caronas.

Isabella conta que agilidade e conforto são os principais impactos na rotina, e também cita o perigo, sempre presente no trajeto noturno. A estudante lembra ainda de outra ameaça à segurança, principalmente das mulheres: “Eu acredito que o ponto que talvez mais deixe as pessoas preocupadas é questão de ser desconhecido. Você não sabe o que a pessoa pode fazer com você quando você está exposto, né?”.

Entretanto, Isabella diz que consegue ter mais segurança nos grupos por terem um recorte da mesma instituição que frequenta. “Eu me baseio que são pessoas da UnB, que estudam na UnB”, conta a estudante, que diz se sentir tranquila quanto a isso. Ela reforça ainda que não pega caronas com quem não tem uma referência, como uma medida de segurança.



Isabella Lopes Franco, estudante de Engenharia Civil.

Marina, a estudante de Ciências de Ambientais, diz que eventualmente envia o número de telefone e foto da pessoa com que está pegando carona para um contato de confiança, também como medida de segurança. “Dá medo”, conta, com risadas um pouco nervosas. “Eu pergunto sobre a vida da pessoa na hora que já estou no carro para ver se consigo alguma informação de que não é psicopata”, completa. Tanto Marina quanto Isabella afirmam que nunca tiveram experiências negativas quanto a isso.

Por já ter oferecido carona várias vezes, Café Filho notou um nervosismo nos passageiros, sobretudo nas mulheres. “Acho que respeito nesses casos é chave”, diz. O estudante fala sobre algumas ações que podem tornar o trajeto mais confortável, como a liberdade para sentar onde quiser. “Oferecer álcool em gel, a possibilidade de escolher as músicas durante a viagem ou fazer uma piada sempre tranquiliza um pouco a galera”, conta.

E O ENTORNO?

Problemas de segurança e mobilidade também estão presentes no Entorno, como chamam as cidades goianas que ficam nos limites geográficos do Distrito Federal, mas que, no cotidiano, fazem parte de Brasília. O que difere o Entorno das RAs, na questão do transporte público, é a precariedade das frotas de ônibus, a falta de linhas de metrô e, principalmente, o pagamento das passagens.

“Eu moro no bairro Cidade do Entorno e a maior dificuldade são as paradas mal iluminadas, a falta

de segurança e não ter um Passe Livre Estudantil em Águas Lindas”, conta Sarah Gabriele da Silva Neres. Vale destacar que Águas Lindas (GO) possui um passe estudantil, porém, ele é exclusivo das frotas de ônibus que circulam entre as cidades goianas. Não há isenção ou desconto de passagem para estudantes que frequentam o Distrito Federal. Segundo o estudo já citado, sobre ingressantes na UnB entre 2013 e 2015, cerca de 59 eram de Águas Lindas. Este número, porém, deve ser maior em 2022, já que a quantidade de alunos na instituição aumentou.

Sarah, que mora na cidade goiana, estuda Biblioteconomia no campus Darcy Ribeiro, tem 19 anos e inciou o curso no primeiro semestre de 2020. Teve, assim, menos de uma semana de aula até a UnB suspender as atividades por conta da Covid-19. Foi no retorno da instituição, em junho de 2022, que a estudante teve o primeiro contato com as caronas. “É mais prático e cômodo. Indo de carona eu posso acordar mais tarde e me organizar melhor”, comenta.

Embora seja uma forma econômica de ir à UnB para muitos alunos, Sarah explica que as caronas não influenciam em nada nas suas finanças. “O mesmo preço que pago no ônibus é o valor da carona”, conta. Nos últimos meses, os combustíveis aumentaram bastante por conta dos reflexos da pandemia, do ataque russo à Ucrânia e da crise econômica. Levando em conta que são cerca de 53 quilômetros entre o centro de Águas Lindas e o campus Darcy Ribeiro, muitos estudantes que oferecem carona também procuram economizar e pedem uma contribuição dos passageiros para isso.

Isabella, a aluna de Engenharia Civil, conta que nem sempre pega caronas por ter que pagar. “Algumas pessoas têm cobrado um valor acima do valor da passagem”, diz a estudante, e completa: “Já outras pessoas dão carona de graça simplesmente porque elas vão passar pelo local que você vai descer e que, para elas, é caminho”.

Café Filho concorda. Para ele, quando a pessoa está no trajeto que costuma fazer, não há necessidade de ajudar financeiramente. “Porém, quando há desvios, a depender do tamanho, complica para alguns motoristas. Uns resolviam isso por meio da cobrança de valores fixos, principalmente quando o preço da gasolina estava passando de 8 reais”, explica.

Apesar disso, todos os entrevistados afirmam que as caronas têm um impacto positivo na rotina deles. Esses estudantes utilizam os grupos no WhatsApp, cada um no que corresponde à sua RA ou cidade do entorno, e nenhum deles disse ter experienciado algo ruim durante os percursos.

Um problema aparente é a entrada de números de telefone nos grupos que começam a enviar mensagens de spam, geralmente relacionadas a crimes, como venda de cartões clonados, golpes que oferecem dinheiro fácil e até comercialização de drogas ilícitas. Quando isso ocorre, os administradores do grupo costumam retirar o número. Como os links de entrada são compartilhados em grande escala, ainda não foi encontrada uma forma de filtrar as pessoas. Mesmo assim, até o momento que esta matéria foi produzida, todos os entrevistados continuam utilizando os grupos no WhatsApp e pretendem seguir aderindo às caronas.

Reportagem: **Gabriel de Sousa**
Diagramação e foto: **Guilherme Damasceno**

O desafio de ministrar aulas

No ensino remoto, os professores e servidores da Universidade de Brasília tiveram que se adaptar a uma nova realidade, onde o quadro e o giz foram substituídos pelas telas dos computadores.

Quando a Universidade de Brasília (UnB) interrompeu as suas atividades presenciais em março de 2020, com o surgimento da pandemia de covid-19 no Distrito Federal, os funcionários da instituição tiveram que se reinventar. Professores começaram a aprender do zero a como dar aulas sem estar dentro das salas e os servidores e técnicos precisaram conhecer formas de gerenciar uma instituição de ensino que iria passar mais de dois anos vazia.

Desde a sua fundação em 1962, a UnB sempre se destacou pelo seu ensino e pesquisa de excelência realizado nos prédios dos seus quatro campi, além da importância das suas atividades de extensão que beneficiam a comunidade do Distrito Federal. Com a atípica realidade que surgiu na pandemia, o desafio foi manter esses altos padrões de qualidade pelas ferramentas virtuais, que se transformaram nas salas de aula remotas e portáteis da Universidade.

Nesses dois anos, vários cenários foram vividos pelos docentes. Houve professores com anos de experiência que tiveram de conhecer uma nova maneira de lecionar, tentando vencer o obstáculo da adaptação das aulas para a realidade remota. Outros, que desconheciam as formas de ensino nas salas de aula, já começaram a trabalhar na UnB durante o período emergencial.

De acordo com dados fornecidos pela Reitoria da UnB à Campus Repórter, em 2020, no primeiro ano da pandemia, 130 professores foram contratados e começaram a lecionar na instituição. Já em 2021, 190 profissionais foram admitidos. Por fim, até o mês de agosto de 2022, 135 novos docentes foram integrados no quadro de profissionais da Universidade.

A saúde mental e a desigualdade como barreiras

Também existem professores contratados pela UnB pouco antes do início da pandemia. Um destes profissionais é o sergipano Gersiney Santos, que leciona no Instituto

de Letras (IL/UnB) do campus Darcy Ribeiro desde 2019, o último ano de aulas presenciais antes da interrupção de atividades em todos os campi da universidade.

De acordo com o professor, o formato remoto exigiu uma alta capacidade de adaptação de toda a comunidade acadêmica para que os semestres letivos fossem mantidos, apesar do caos pandêmico que era vivenciado em todo país. Gersiney comenta que a falta dos espaços físicos da UnB pode ter sido mais sentida por aqueles que desejavam vivenciar as experiências da presencialidade pela primeira vez.



GRSINEY SANTOS PROFESSOR DO IL

“Neste formato de trabalho remoto, tivemos todos que nos reinventar, tanto as pessoas que estavam na posição de estudantes quanto nós que estávamos na posição de docentes. Foi um pouco mais cruel, talvez, para quem sonhava em estar na universidade e viver mesmo aquele espaço físico e das relações”, explica.

Segundo Santos, uma das principais barreiras do ensino remoto foram as questões que envolviam a saúde mental dos alunos e professores, que sentiram as perdas familiares ao longo da pandemia. No caso dos seus

estudantes, o docente comenta que a participação em suas aulas foi afetada, já que os discentes deveriam gerenciar os seus horários, leituras e ainda focar as suas atenções nos ambientes virtuais.

“Elas tinham muito a questão com a ansiedade. Eu recebia muitas solicitações de adiamento de prazos e questões de silêncios. Uma pessoa começava o semestre, aí depois ela meio que sumia, aí depois ela voltava em determinado momento, explicando que teve problemas relacionados à ansiedade e depressão”, diz.

Outro fator determinante do período foi a questão da desigualdade socioeconômica, em que, segundo ele, as pessoas mais humildes não tinham um “letramento digital” e enfrentaram uma situação mais complexa durante o ensino remoto. Além disso, Gersiney relembra que nem todos os estudantes tinham boas conexões de internet ou equipamentos digitais aptos para a participação nas aulas, fator que foi trabalhado pela UnB com a criação de editais de inclusão digital, publicados ao longo da pandemia, que ajudaram vários alunos. Teve gente com dificuldade por uma questão técnica: Não ter uma boa conexão de internet, ter problemas de letramento sobre como utilizar a plataforma e como trabalhar com esses mecanismos digitais”, conta.

A defesa da presencialidade

Durante toda a sua história, o movimento docente nacional atuou em defesa do ensino presencial nas universidades públicas, disse Jacques de Novion, presidente da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB). Ele afirma que o posicionamento da organização foi sempre contrário ao ensino remoto, apesar de ele ter sido uma alternativa necessária ao surgimento do coronavírus e a sua consequente letalidade na população.

A
ní
sio
Tei
xei
ra



Jacques de Novion, presidente da ADUnB.

“Desde a paralisação, os docentes estão acompanhando firmemente os debates. Nós abrimos uma exceção, para tentar dar alternativas e respostas aos cuidados com relação a nossa comunidade universitária e, ao mesmo tempo, buscando não prejudicar o processo de formação dos nossos estudantes”, explica.

Segundo Novion, além do ensino universitário ser historicamente presencial, esta forma de docência deve ser protegida para conter os ataques vindos do poder político brasileiro, que foram radicalizadas a partir de 2019, com os cortes de verbas que prejudicam o funcionamento das atividades universitárias e a atuação da categoria. “Não só com a preocupação do cuidado com a vida, porque, afinal das contas, a pandemia continua, mas também em função das preocupações diante das políticas do atual governo.”

O cuidado com a saúde dos professores

Outra preocupação da categoria docente durante o ensino remoto refere-se ao crescimento das incidências de depressão, ansiedade e problemas físicos entre os professores da UnB.

Segundo Jacques, a ADUnB permaneceu de forma atuante em defesa da saúde dos docentes durante toda a pandemia. “Nós também acompanhamos com muita preocupação o processo vertiginoso de adoecimento da nossa categoria. Eu posso dizer que esse tema foi recorrente nas assembleias ao longo desta gestão”.

O presidente da ADUnB reflete que, apesar das consequências provocadas pelo ensino remoto, os adoecimentos não proporcionaram um aumento do número de aposentadorias. Ele diz desconhecer se professores decidiram ficar inativos por conta do ensino remoto ou pela volta ao sistema presencial.

Tal argumento é reforçado pela Reitoria da UnB, que afirma que o ensino remoto não provocou aumento nas baixas do quadro de profissionais. Conforme indicam os dados fornecidos pela instituição à Campus Repórter, em 2019, na “pré-pandemia”, 52 professores se aposentaram. Já em 2020, no primeiro ano pandêmico, 19 docentes se afastaram de suas atividades. Por fim, em 2021, 32 deixaram a docência, e, do início de 2022 até agosto, 16 formalizaram as suas aposentadorias.

Os cuidados da FAC para o retorno presencial

Se engana quem pensa que, com a interrupção das aulas presenciais, as atividades de gerenciamento da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB) também foram suspensas. Por lá, a rotina de preparação dos espaços físicos aconteceu periodicamente, a fim de deixar as salas de aulas prontas para quando os seus 1.400 alunos voltassem do ensino remoto emergencial.

De acordo com a diretora Dione Moura, os funcionários da Faculdade de Comunicação trabalharam até mesmo mais do que nas rotinas anteriores à pandemia e sempre estiveram motivados a preparar os espaços da melhor forma, idealizando que o retorno presencial estaria mais próximo do que o imaginado por todos.

“O nosso objetivo era que quando a Faculdade abrisse, a gente teria que abrir como se a gente estivesse em março de 2020, como se fosse o dia seguinte do dia em que tudo parou. A gente passava pelas salas que estavam vazias, mas a gente pensava que daqui a um tempo ela teria 50 alunos. O laboratório estava vazio, mas logo depois ele teria 30 alunos lá dentro”, relembra.



Dione Moura, Professora diretora da FAC.

Durante o período que os futuros comunicadores estavam acompanhando as aulas em suas residências, a direção da FAC reformou os banheiros e o espaço físico do Centro Acadêmico de Comunicação (CACOM). Além disso, para o reforço da segurança dos estudantes, foram implantados tapetes sanitizantes, totens e dispensers de álcool em gel em todas as salas e corredores, além da amplificação do arejamento do prédio, essencial para combater a covid-19.

Outra mudança importante foi a colocação de plantas em áreas de convivência da FAC, o que fez com que os estudantes fossem recebidos de volta com uma faculdade ainda mais verde e fresca. A principal idealizadora da nova decoração foi a assistente administrativa Mariana Togo, que diz que o espaço ficou ainda mais acolhedor para os universitários. “A gente procurou dar um ambiente mais humano para que os alunos se sentissem mais em casa”, afirma.

Emocionada, Togo diz que a presença dos estudantes na FAC é essencial para o funcionamento da faculdade em que trabalha, e se orgulha pela sua equipe ter conseguido manter as demandas universitárias durante o período de interrupção das atividades no campus Darcy Ribeiro.

“Já havia um tempo consideravelmente grande que nós estávamos afastados. Mesmo que as atividades não tivessem sido prejudicadas em nenhum momento pelo fato de nós estarmos remotos, o principal motivo do presencial é essa necessidade fundamental de todos se reunirem e ter esse convívio”, relata a assistente administrativa.

NÚMERO DE PROFESSORES CONTRATADOS DURANTE A PANDEMIA

2020 ➔ **190 NOVOS PROFESSORES**

2021 ➔ **135 NOVOS PROFESSORES**

Até 8/2022 ➔ **130 NOVOS PROFESSORES**

A importância do acolhimento

Para Ivoneide Brito, que também atua como assistente administrativa da FAC, o retorno presencial pode ser resumido pela volta da convivência física com os universitários. Segundo ela, o acolhimento humano dos estudantes dentro dos espaços do campus Darcy Ribeiro é uma peça chave para o melhor funcionamento dos cursos de comunicação.

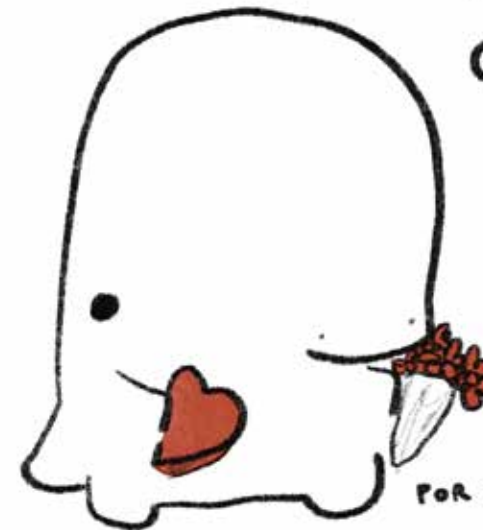
Ivoneide reflete que universitários de outras graduações visitam as áreas de convivência da faculdade, o que comprova que o trabalho feito pelos servidores da FAC, durante o período sem aulas no campus, atingiu todas as metas propostas no início da pandemia. “A gente comprovou que o que a gente fez no remoto deu muito certo. Hoje é referência dentro da Universidade, já que outros estudantes de outros cursos costumam vir para cá”, comenta.

Mas, e como foi o acolhimento durante a pandemia? A diretora Dione Moura responde que a participação de professores, servidores e também do Diretório Acadêmico de Comunicação (DACOM) teve uma grande importância na hora de repassar e amparar as situações adversas vividas pelos estudantes:

“Não se resumiam a um ‘nossa, eu sinto muito’, a gente ia atrás de alguma forma de ajudar. Sempre pensava no que a gente poderia fazer, o que eu como direção, o que eu como uma secretária, o que eu como DACOM e o que eu como professor ou professora posso fazer pela situação em que você está?”, explica a diretora da FAC.

COMO FICOU

~~e amor~~ NOS
TEMPOS DE
COVID-19 na
UNB?



POR JONATAS MARTINS & LEIS OLIVEIRA

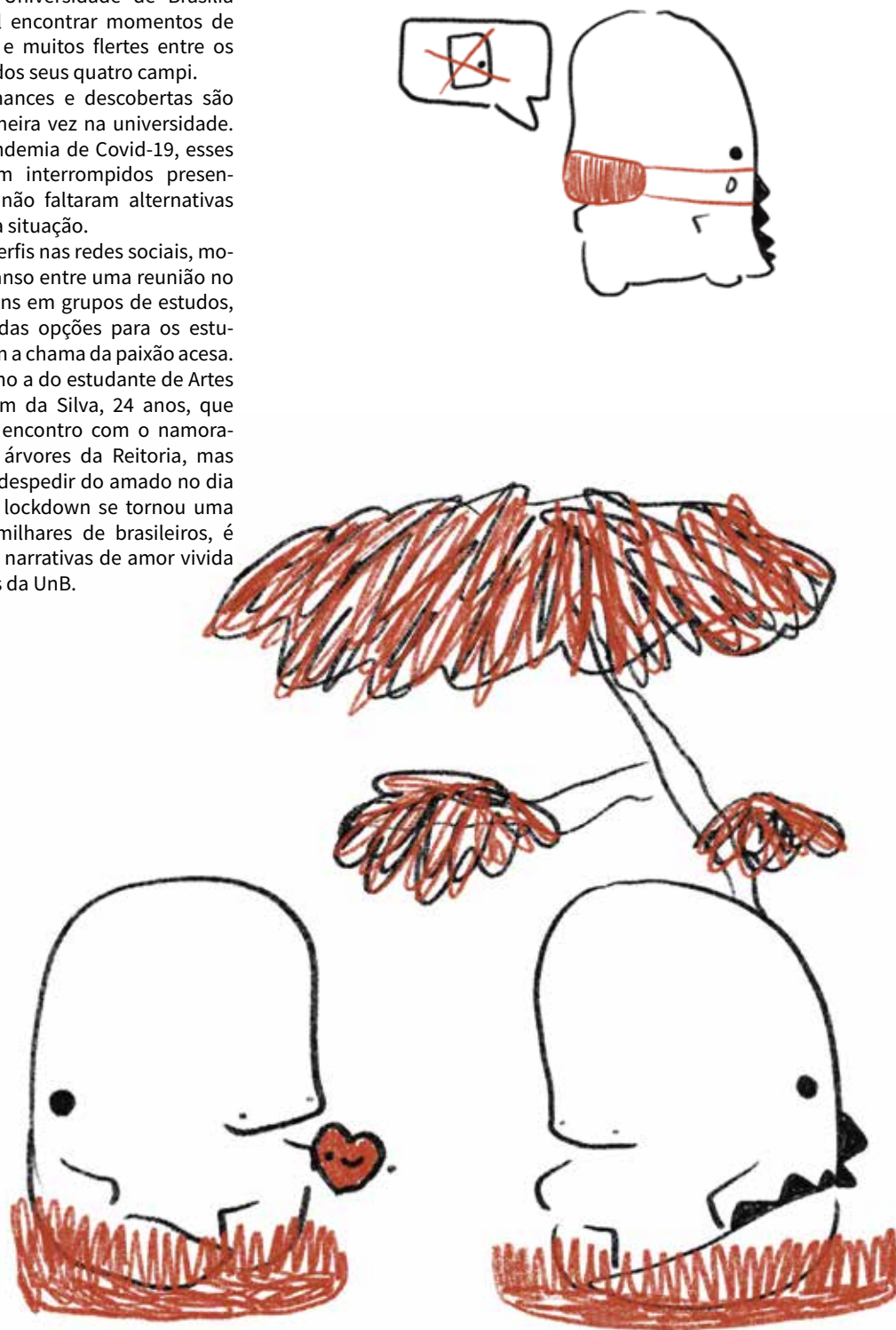
Com a suspensão das aulas presenciais, os encontros românticos ganharam novas formas e telas. A partir do retorno, em 2022, histórias de apaixonados enchem espaços dos campi.

Ao caminhar pelos corredores e áreas de convivência da Universidade de Brasília (UnB) é possível encontrar momentos de carinhos, beijos e muitos flertes entre os frequentadores dos seus quatro campi.

Amores, romances e descobertas são vividos pela primeira vez na universidade. Em razão da pandemia de Covid-19, esses momentos foram interrompidos presencialmente, mas não faltaram alternativas para se adaptar à situação.

Páginas de perfis nas redes sociais, momentos de descanso entre uma reunião no meet e mensagens em grupos de estudos, foram algumas das opções para os estudantes manterem a chama da paixão acesa.

Histórias como a do estudante de Artes Cênicas, Diadorim da Silva, 24 anos, que teve o primeiro encontro com o namorado debaixo das árvores da Reitoria, mas que precisou se despedir do amado no dia seguinte, pois o lockdown se tornou uma realidade para milhares de brasileiros, é apenas uma das narrativas de amor vivida pelos estudantes da UnB.



Na Empresa Júnior

O movimento das empresas juniores vem se fortalecendo cada vez mais dentro das universidades públicas do país, o que não é diferente na UnB. São associações civis, sem fins lucrativos, formadas por alunos da graduação e garantem um contato fundamental entre os futuros profissionais e o mercado de trabalho que desejam seguir.

Maíra Uchôa, estudante de Publicidade e Propaganda, de 22 anos, fazia parte da Federação das Empresas Juniores do Distrito Federal (Concentro). Ela trabalhava como guardiã da Domani, empresa de Relações Internacionais da UnB. Os guardiões funcionam como conselheiros que acompanham as atividades realizadas e verificam se tudo está certo.

Em março de 2021, faria sua primeira reunião com membros da empresa. Seria tudo por meio da internet por conta da pandemia. Victor Rondon, de 22 anos, estava do outro lado da chamada por vídeo, no seu quarto em São Paulo, onde nasceu e passava o isolamento, já que as aulas não eram presenciais.

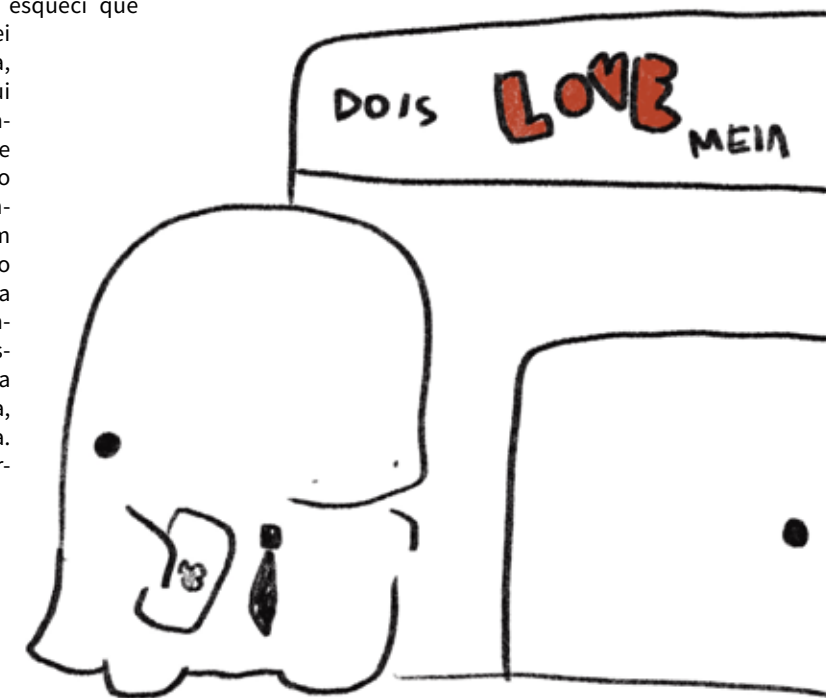
“Eu levantei porque tinha uma reunião da diretoria normal e esqueci que ela estaria presente. Acordei de pijama em cima da hora, com o cabelo bagunçado. Fui na cozinha, peguei minha caneca, coloquei um pouco de chá, voltei pra pro meu quarto e liguei o computador. Quando entrei na reunião levei um susto quando a vi lá. Logo pensei: “Putz, estou de pijama e com o cabelo todo bagunçado. Parece que acordei de ressaca horrível”. E lá estava ela toda arrumada, muito bonita, sorridente e muito simpática. Fiquei com um pouco de vergonha”, afirma Victor.

A partir daí, a admiração por ela começou a crescer e as reuniões sempre despertavam no estudante de Relações Internacionais a vontade de conhecer mais sobre Maíra. O encanto pela inteligência e competência era um sentimento recíproco.

Com o avanço da vacinação e a flexibilização de algumas medidas sanitárias, Victor retornou para Brasília já imaginando que as aulas logo voltariam a ser presenciais. Ele postou uma foto no eixão, ela reagiu e marcaram um piquenique. Daí em diante, a história de amor só ficou mais firme.

Mesmo sem ter se conhecido na UnB presencial, foi por meio dela que seus caminhos puderam se cruzar. Um momento importante para o casal foi quando, depois de um passeio, decidiram entrar na universidade pela primeira vez após a pandemia. Os espaços estavam vazios e eles apresentavam os lugares da rotina de cada um antes da disseminação do vírus. Conhecer a visão da universidade de seu companheiro era também conhecer um pouco mais do seu par.

“Eu namorava antes da pandemia, terminei durante quando começou o isolamento e fiquei um ano sem sair de casa, sem contar com ninguém, sem conversar com ninguém, sem ficar com ninguém. Quando conheci ele, isso mudou um pouco porque foi a primeira pessoa que eu fiquei. Então, eu fui me sentindo mais viva de novo, sabe? Com esse sentimento de que estava vivendo e aproveitando a vida porque eu estava conversando, me relacionando e me divertindo com uma pessoa muito legal, incrível e que alegra mesmo a minha vida”, diz Maíra.



Na FAU

Brasília é reconhecida por sua arquitetura modernista. De Oscar Niemeyer a Burle Marx, a cidade tem obras espalhadas por vários lugares. Naturalmente, a fama chegou até a universidade. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) é responsável por formar os principais profissionais que vão prolongar a glória das construções e incluir novos espaços como cartões postais, mas a FAU é mais que isso, ela também constrói amor.

Luna Catrina, 22, e Matheus Thierry, 23, entraram juntos na UnB há 5 anos. Os calouros de arquitetura se conheceram durante as aulas e seminários. Logo, a amizade veio e a torcida para ambos começassem um relacionamento. Até aquele momento a ideia de estarem juntos como um casal estava fora de cogitação. Principalmente, depois que as coisas foram esclarecidas em uma conversa de WhatsApp. Não se viam em um, o que gerou uma semana sem se falarem, ou quase uma eternidade para o Matheus. Ele rapidamente tratou de amenizar o clima ruim.

Tudo foi resolvido: eram amigos. Nada mais que isso. Amigos que vão juntos para uma exposição, para o cinema e que aca-

baram se beijando lá. Continuaram se ficando por um tempo sem contar para ninguém, achando que as outras pessoas não iriam perceber.

“Eu sou muito aberta, todo mundo sabe o que eu estou sentindo, e ele é mais reservado. Ficava querendo ter umas discussões do tipo: “O que nós temos? Me explica”. Ele dizia: “Não sei, vamos vendo”. Eu estava impaciente querendo saber se ia ser um namoro ou se seria só ficar”, conta Luna.

Era namoro. Começaram o relacionamento oficialmente em fevereiro de 2019. Todos os andares da UnB serviam para unir o casal. Chegavam cada vez mais cedo na universidade, não porque estavam com muita vontade de assistir às aulas, mas queriam ter mais tempo no pequeno sofá que fica no subsolo. No tempo livre, as salas da FAU, no térreo, serviam para que ficassem juntos. Depois do almoço, o mezanino era para a troca de carícias.

Todos os dias compartilhavam a companhia um do outro. A manhã de quinta-feira, 12 de março de 2020, parecia ser mais um dia comum para que pudessem passar o dia na UnB. Saíram mais cedo por conta da falta de energia na faculdade. Matheus deixou Luna na casa dela e se despediram. Mais tarde, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) decidiu suspender as aulas por cinco dias para conter o avanço da pandemia de Covid-19.

“A pandemia foi uma época muito difícil porque a gente pensou que seria só um mês e foi se prolongando. A gente baixava a guarda vinha a segunda onda, a gente baixava a guarda vinha a terceira onda. Foi meio complexo isso. Como casal, a gente acabou se vendo de outras formas: videochamada”, conta Luna. Só se viram novamente meses depois, mantendo as proteções necessárias, e trocaram os espaços da universidade pelas suas próprias casas.



A estudante lembra que era muito ativa e sua rotina estava muito baseada no que vivia dentro da universidade. Parar de ver o namorado e interromper as atividades que fazia por tempo indeterminado foi um processo difícil e complicado. Apesar dos problemas, ela garante que “depois do susto” tudo o que vivenciou na UnB e as pessoas que conheceu, com menção amorosa ao Matheus, foi fundamental para que as dificuldades fossem superadas.

Paquera nas redes

Ao longo dos anos, o flerte e o romance foram se transformando. Os encontros por acaso e casuais faziam parte da realidade dos que desejavam viver uma paixão. Agora, com a internet, essas possibilidades ganharam novos contornos e telas. Na universidade, também não seria diferente. Basta uma rápida busca pelos principais aplicativos sociais, para descobrir que a paquera nas redes faz parte da rotina dos estudantes da UnB.

O principal perfil que se encaixa com o propósito de unir corações cheios de desejos é o UnB Paquera. Com cerca de 35 mil seguidores, a página compartilha milhares de mensagens, a maioria anônimas, daqueles que ao caminhar pelos corredores do campus, encontram um crush. Basta uma rápida foto e uma mensagem cheia de intenções para se descobrir quem era a tal pessoa desconhecida que despertou olhares de paixão.

A responsável por criar e administrar o perfil no Instagram é a aluna Carol Xavier, de 24 anos. Estudante do sétimo semestre do curso de História, a jovem revela que a ideia de criar a página surgiu em 2017, pois tinha um crush e não sossegaria enquanto não descobrisse a identidade do amado.

“Ele era a cara de uma personagem da série 13 Reasons Why, que eu assistia e achava um gato. Lógico que eu queria saber quem era o guri platinado, mas não tive coragem de chegar nele. Criei o Instagram e, quando atingiu 2 mil seguidores, eu joguei a foto dele lá. Descobri que namorava, triste, mas o insta cresceu horrores em pouquíssimo tempo e resolvi levar para frente”, recorda.



“Já deu até casamento! Teve gente que namorou, noivou, casou. Gente que namora há 2, 3 anos por causa da página. Adoro ouvir essas histórias!”

- Carol Xavier, 24 anos, administradora da página UnB Paquera.

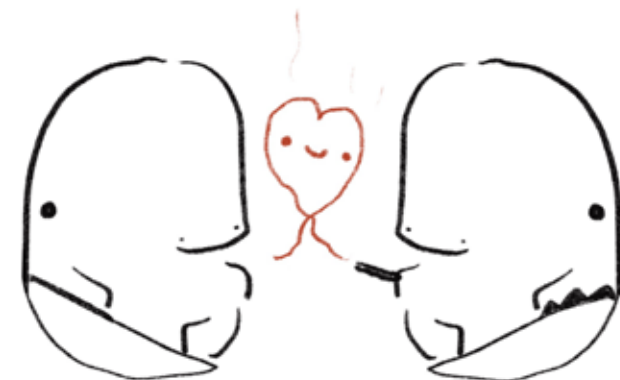
Um tabaco e dois corações entrelaçados

Como foi a primeira vez ao encontrar a pessoa amada? Para o estudante Diadorim Silva, 24 anos, esse momento foi eternizado a partir do tabaco. Lá estava ele, ansioso para o primeiro dia de aula no curso de Artes Cênicas, ao comprar um Kumbaya, para acalmar os ânimos, encontrou um problema — não sabia bolar.

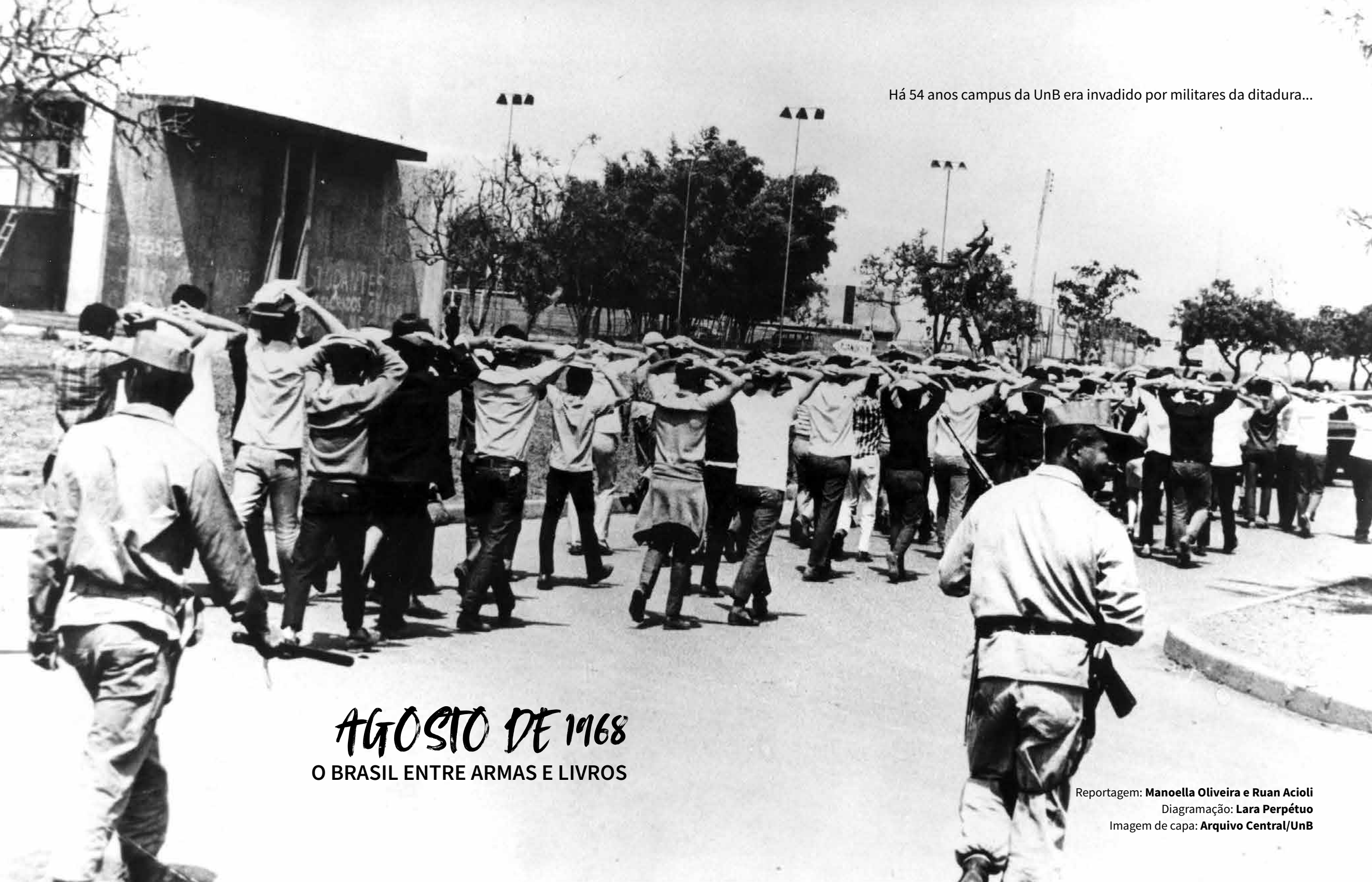
Foi assim que ele conheceu Klaus, 22 anos, estudante do curso de Turismo na UnB. “Ele estava passando e pedi ajuda. Me olhou estranho, mas topou! Depois descobri que desde esse dia ele me achava bonito”, recorda.

A amizade foi a primeira relação construída entre os dois. O primeiro encontro ocorreu anos depois, em março de 2020, um dia antes das suspensões das aulas presenciais no campus. “A gente marcou nas áreas verdes perto da Reitoria. Ele queria me impressionar de todas as formas, foi muito fofo. Depois desse dia, nossa relação nunca mais foi como era antes”, conta.

Para Diadorim, o lugar favorito para se passar um tempo de chamego com o parceiro é na Faculdade de Educação, mas especificamente no varandão da FE. Durante os primeiros meses da pandemia, os dois decidiram acrescentar um passo a mais na **relação: morar juntos**.



Há 54 anos campus da UnB era invadido por militares da ditadura...



AGOSTO DE 1968

O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS

Reportagem: **Manoella Oliveira e Ruan Acioli**

Diagramação: **Lara Perpétuo**

Imagem de capa: **Arquivo Central/UnB**

“Por isso, a nossa ‘geração de 68’ foi a que mais caro pagou por sua rebeldia, através de prisões, tortura, exílio e até morte.”

1968 - O Ano Que Não Terminou.

Nessa mesma década, o mundo e o Brasil passaram por profundas transformações, que incluíram os assassinatos, nos Estados Unidos, de Robert Kennedy, irmão do ex-presidente John Kennedy e candidato favorito à Presidência do País, e do pastor luterano negro Martin Luther King, líder pacifista. A Tchecoslováquia foi sacudida pela “Primavera de Praga”, que reuniu a população, especialmente os jovens, em confronto contra a ditadura imposta pelo regime comunista da União Soviética. Já na França, protestos estudantis, alavancados a partir da histórica Sorbonne Université, de Paris, questionaram e colocaram em xeque os pensamentos conservadores da segunda metade dos anos 1960.

Em resumo, a juventude se rebelou em todo o mundo para protagonizar uma revolução cultural e nos costumes. **No Brasil, o inimigo era mais palpável: a ditadura militar.**

Chegando ao poder no ano de 1964, os militares alegavam que o país era seriamente ameaçado por uma revolução que envolveria a ação de estudantes, movimentos sociais e sindicalistas influenciados pelo comunismo. Segundo o seu próprio discurso, os militares pretendiam salvaguardar a democracia por meio da sua “revolução”.

E nessa altura do campeonato, o ano de 1968 inicia-se no Brasil com a eclosão de várias manifestações estudantis que contestavam a ditadura implantada com o golpe de 1964 e o cerceamento das liberdades democráticas.

Estudante perseguido por policiais na sexta-feira sangrenta (21/06/1968). Arquivo: Evandro Teixeira (CPDOC JB).



Placa da UnB em 1968 no campus Darcy Ribeiro, Asa Norte. Arquivo: TV Globo.

E NA UnB?

A Universidade de Brasília sofreu quatro invasões durante a ditadura militar: em 1964, 1965, 1968 e 1977.

1968 Tudo começou cedo: por volta das 10h, quando cerca de 50 veículos da polícia cercaram a instituição sob o pretexto de cumprir um mandado de prisão contra o estudante Honestino Guimarães, então presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília.

Desde então, a história da universidade no dia **29 de agosto de 1968** ficou marcada ao se deparar com aproximadamente 500 estudantes e professores obrigados por forças militares que invadiram o campus Darcy Ribeiro a ficarem concentrados em uma quadra esportiva. O episódio certamente ganhou destaque durante a época de repressão na UnB, ocorrida nos anos da ditadura.

“De repente, começamos a ver os estudantes tentando se agregar nos laboratórios. Atrás deles vinha o exército, que começou a destruir aparelhos e equipamentos. Foi um horror total”, afirma a médica e professora aposentada da UnB Ivonette Santiago de Almeida, que estava na Universidade naquele dia.

“De dentro das viaturas, saíram policiais militares, civis e do Exército, que se juntaram a agentes à paisana do Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS. Com eles, metralhadoras, bazucas e bombas de gás lacrimogêneo ameaçavam a vida de estudantes e assustavam brasilienses que acompanhavam a repercussão da invasão”, como descreve o jornal **Correio Brasileiro** do dia seguinte.



Cláudio de Almeida (centro), aos 22 anos, sendo preso durante invasão militar à UnB em 1968. Arquivo Central/UnB.

LEMBRAR PARA JAMAIS REPETIR

O estopim da confusão naquele dia foi a prisão do estudante e militante Honestino Guimarães, que desapareceu em 1972 e foi dado como morto somente 24 anos depois. O corpo dele nunca foi entregue à família.

Em relato ao **G1 Notícias**, o aposentado e ex-aluno da Universidade de Brasília Cláudio Antônio de Almeida conta que durante sua aula de economia, ele escutou bem alto: “Prenderam o Honestino! Levaram o Honestino!”. Quando enfim saiu da sala, Honestino já havia sido preso: “Foi arrastado, carregado e muito espancado”, lembra o amigo de infância do ex-líder estudantil.

Em seguida, Cláudio Antônio acabou sendo detido por policiais e levado para uma das cadeias no Setor Militar Urbano (SMU).

“**Não nos deixavam dormir, jogavam água na gente e os coronéis nos interrogavam dia e noite. Estava esgotado, sem comer ou dormir. Tudo isso na base de pancadas**”, conta Cláudio Antônio de Almeida.

Além dos dois estudantes, outros sessenta também acabaram presos naquele dia e um deles, Waldemar Alves, foi baleado na cabeça e passou meses em estado grave no hospital.

EM MEMÓRIA: HONESTINO GUIMARÃES

Honestino Monteiro Guimarães nasceu em 28 de março de 1947 na cidade de Itaberaí (GO). Aos 13 anos se mudou com a família para Brasília, capital ainda em construção.

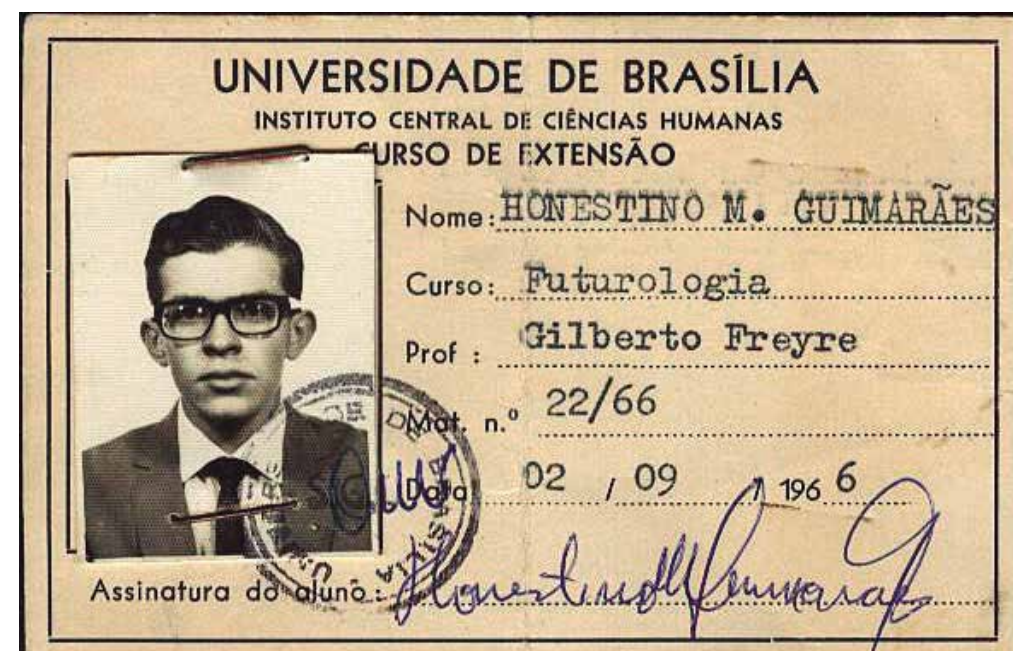
Em 1962 ingressou no Centro de Ensino Médio Elefante Branco e lá iniciou a militância estudantil, que o acompanhou até o seu desaparecimento. Símbolo da resistência, foi um dos líderes estudantis mais atuantes contra a ditadura militar em Brasília.

Honestino foi o primeiro colocado no primeiro vestibular para Geologia realizado na UnB, em 1965. Desde então, foi preso inúmeras vezes por pichar muros e participar de greves e manifestações contra o regime militar, foi preso e expulso da UnB em 1968. Com a edição do Ato Institucional 5 – que suspendia a garantia de habeas corpus nos casos de crimes políticos – passou a viver clandestinamente.

Em 1971 foi eleito presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), após passar pela vice-presidência da entidade e em 1972 foi preso em 10 de outubro no Rio de Janeiro. Desde então, nunca mais foi visto.

A família recebeu o primeiro atestado de óbito de Honestino em 1996, sem referência à causa da morte. Em 2013 a Comissão da Verdade declarou que a morte foi sim consequência dos atos de tortura dos militares.

Gui, como era conhecido pelos amigos, que sempre se destacou como liderança estudantil na luta por melhorias e pela democratização da educação brasileira, foi capturado, torturado, perseguido e morto nos porões do regime. O corpo dele nunca foi entregue à família.



Documento de identificação de Honestino Guimarães no curso de futurologia ministrado por Gilberto Freyre na Universidade de Brasília. Foto: Reprodução/G1.

DE 1964 ATÉ HOJE

O golpe militar, além de instaurar uma ditadura no país, trouxe anos difíceis para a UnB. Por estar mais perto do poder, a universidade foi uma das mais atingidas e teve alunos e professores perseguidos pelo regime.

No campus, a polícia e o exército invadiam salas de aula, revistavam estudantes, procuravam armas e material de propaganda subversiva. Os soldados ficavam na entrada dos edifícios, proibindo alunos e professores de entrar.

Os professores estavam fartos do clima de instabilidade que havia se instalado na Universidade e 223 de 305 deles demitiram-se nesse período. A Universidade perdia a maior parte dos cérebros selecionados para construir a instituição idealizada por Darcy Ribeiro, gerando uma crise sem precedentes.

Alguns anos depois, em 1971, iniciou na UnB uma etapa de consolidação acadêmica e física quando o professor e pesquisador Amadeu Cury assumiu a reitoria com uma proposta de reestruturação da universidade. Mas a calma durou poucos anos.

Em maio de 1976 o professor, doutor em Física e oficial da Marinha José Carlos de Almeida Azevedo tomou posse e as manifestações recomeçaram logo após um ano da mudança na reitoria. Os alunos protestavam contra a má qualidade do ensino, a ociosidade nos laboratórios e a falta de professores.

Mais uma vez, em junho de 1977, militares invadiram a universidade, prenderam estudantes e intimaram professores e funcionários. O principal motivo teria sido a greve que estudantes e professores declararam para dar um fim às agressões que sofriam.

As recorrentes invasões que aconteceram por todos os longos anos da ditadura só acabaram com o início da abertura política no Brasil. No ano de 1979, o Congresso aprovou a Lei de Anistia, que perdoou os crimes políticos cometidos desde 1961. A democracia



Em cima: viatura policial tombada e incendiada, policiais ao lado. Ao fundo, a antiga Reitoria, hoje Faculdade de Educação. Arquivo Central/UnB.

na Universidade foi então retomada em 1984, com a eleição do reitor Cristovam Buarque.

Já no início da década de 1980, em fase de redemocratização, a UnB se viu diante do desafio de se libertar do conservadorismo e retomar o status de instituição de vanguarda.

A administração criou projetos e metas que buscavam o retorno da capacidade criativa de alunos e professores, assim como a promoção do espírito crítico em toda a comunidade acadêmica.

Mudanças significativas foram feitas na graduação. O semestre letivo foi ampliado e novas salas de aula foram construídas. Em apenas cinco anos, o número de vagas de graduação aumentou de 210 para 1.035. O número de disciplinas ofertadas também cresceu e passou de 1.549 para 2.089.

O número de professores aumentou em 50%. Cristovam Buarque, o então reitor, reincorporou simbolicamente os professores que participaram da demissão coletiva em 1965. A capacitação dos professores passou a ser considerada prioridade. Em dois anos, o número de professores em programas de treinamento e capacitação aumentou em 50%.

O acervo da Biblioteca Central aumentou 10%, superando 500 mil títulos. A UnB, que em 1985 tinha apenas um computador, passou a ter 500 em 1989.

Com o programa de apoio à pesquisa, a produção científica cresceu 105% entre 1985 e 1986 e 68% entre 1986 e 1987. Recursos próprios da UnB serviram para financiar pesquisas selecionadas e custear participações em colóquios, reuniões e seminários que, além de outros temas, sempre priorizou lembrar todas as invasões e a privação de liberdade durante momentos em que a democracia e a educação foram ameaçadas por anos.

Embaixo: o deputado segura o filho e luta contra policiais, que portam máscaras de gás. Ao fundo, o prédio do Instituto de Artes (IDA - ICA). Arquivo Central/UnB.



Tudo isso, todos os anos de repressão e toda a crise na Universidade de Brasília fizeram com que alunos e professores tenham orgulho de participar de uma instituição criada por idealistas. Aquelas pessoas trouxeram, há mais de 58 anos, o melhor da educação. Democratizaram a estrutura e a gestão do ensino

superior no Brasil e, sobretudo, contribuíram para que hoje a UnB fosse respeitada não só no país, mas no mundo acadêmico e profissional, estando entre as 4,4% melhores instituições do planeta e ocupando a posição de 4ª melhor federal do país, de acordo com ranking internacional.

**“^{pp} Mais uma vez venho cantar
A canção da liberdade
Mais uma vez venho cantar
Pois a fome, a desigualdade
E a ausência de liberdade
Tentam impedir o meu canto
E transformá-lo em pranto
Mas em minh’alma de alegria
de viver em rebeldia
Faz sagrado o meu cantar
E a canção da liberdade
Que nos há de libertar
E nos trará igualdade.”**

Poema escrito pelo estudante Honestino Guimarães em 1965, “Canção da Liberdade”.



comunicação
comunitário

*Conhecimento além dos
muros -
Obrigatoriedade e
diversidade dos projetos
de extensão*

A partir de 2023, os currículos dos cursos da UnB terão 10% de créditos obrigatórios de extensão.

Reportagem: **Marcos Nailton**

Imagens: **Gabriel de Sousa**

Diagramação: **Guilherme Damasceno**

As atividades de Extensão na Universidade de Brasília (UnB) fazem parte de um dos pilares necessários e fundamentais do princípio da indissociabilidade com o ensino e a pesquisa. A partir de 2023, provavelmente no início do primeiro semestre, a extensão que conecta os saberes acadêmicos e as vivências cotidianas da comunidade irá compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular dos cursos de graduação da UnB. A legislação federal que regulamenta o assunto vale para todas as instituições de ensino superior.

A extensão representa a universidade além dos muros dos campi, atividades para construção de conhecimento que são propostas em conjunto com a comunidade externa. Essa é uma medida que está preconizada há algum tempo no Plano Nacional de Educação do Ministério da Educação. De acordo com o decano de extensão da Universidade de Brasília, Alexandre Pilati, essa resolução da composição de ao menos 10%



Alexandre Pilati, Decano de Extensão (Arquivo UnB).

das atividades extensionistas é uma conquista importante para o meio acadêmico. “É um valor importante para extensão que a extensão esteja efetivamente integrada ao currículo, inclusive em termos de horas, para que a gente possa ir progressivamente superando aquela realidade de que a extensão é uma coisa realizada apenas por algumas pessoas que são vocacionadas e que tem talento pra isso”, ressaltou.

Segundo Pilati, esse avanço acaba superando o paradigma de que apenas alguns devem fazer projetos de extensão e acaba sendo uma coisa essencial para a formação do estudante, que só poderá se formar se tiver a atividade no histórico.

O decano da UnB destaca que a extensão faz parte da democratização do acesso ao ensino superior e que, com o passar dos anos, foi observado que ela contribui para o aumento no número de matrículas na universidade, já que reforça o contato direto da academia com a comunidade. “Se a UnB está fazendo mais extensão no contato com escolas, é muito provável que mais estudantes do ensino básico tenham contato com a UnB e assim consigam ver nela uma chance de seguir os seus estudos, fazer um vestibular e entrar num curso superior”.

Alexandre Pilati ressalta que é preciso desenvolver uma capacidade de diálogo com a comunidade para poder construir esse conhecimento dentro do ato extensionista e estar atento ao impacto social do que é aprendido dentro da sala de aula. “Essa produção de conhecimento dentro da extensão tem uma vocação muito clara, que é a de olhar para a realidade como problema e tentar solucionar esses problemas. Então isso é um impacto muito forte na formação, para a gente ter uma formação menos escolástica e mais atuante, que é o que Darcy Ribeiro preconizava para a universidade”, completou o decano de extensão.

Atividades durante a pandemia

Pelo fato de as atividades de extensão precisarem de uma interação direta com as comunidades, durante a pandemia diversos problemas atrapalharam a prática e o desenvolvimento da extensão. Segundo o decano Alexandre Pilati, a própria pandemia, com o impacto no aspecto de saúde das pessoas, foi um problema, tanto nas comunidades como nos próprios proponentes na UnB. “Uma dificuldade é que fazer extensão é estar junto com as pessoas nos territórios, trazer as pessoas para dentro da Universidade. Então, esse trânsito ficou muito prejudicado”, afirma.

Pilati conta que, mesmo com a pandemia, vários professores se engajaram muito na continuidade e foram pouquíssimos os projetos que suspenderam as suas atividades completamente. Através do desenvolvimento de ferramentas de interação remota, atividades foram realizadas. O que, por sua vez, ajudou a desenvolver algumas formas de comunicação que fortaleceram o contato com a comunidade.



“Hoje, eu acho que a gente pode, depois do aprendizado da pandemia, aproveitar aquilo que conseguiu aprender com ferramentas remotas como uma forma de complementar a presencialidade nas atividades de extensão. Porém, o fundamental é a presencialidade e trazer a comunidade para perto da UnB”, disse o professor.

Por fim, o decano destaca que a extensão “não trabalhou somente na saúde durante a pandemia e que mesmo com todas as dificuldades”. Era um incentivo para não interromper os projetos, “porque havia o entendimento de que a população precisava mesmo da continuidade desses projetos para as diversas necessidades que as pessoas tiveram”, completou Alexandre Pilati.

Extensão da graduação ao doutorado

Os projetos de extensão fazem parte de um processo que vem sendo desenvolvido há vários anos. Um exemplo é a professora voluntária da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB Milena Marra, que fez começou a fazer extensão na disciplina Comunicação Comunitária (ComCom),

quando era aluna de Graduação, há cerca de 12 anos, e atualmente é docente na mesma disciplina. Ela diz que, na medida que foi evoluindo na formação acadêmica, acompanhou o trabalho em diversas comunidades do DF com trabalhos extensionistas.

A ideia principal de comunicação comunitária é trabalhar com comunicação, articulação territorial e mobilização social em comunidades, geralmente do DF. Varjão, Planaltina, Fercal, Paranoá, Sobradinho são algumas dessas comunidades com as quais a UnB trabalha.

“Tem uma proposta que dialoga muito com comunicação popular, alternativa e comunitária. Então a gente sempre gosta de falar que é basicamente trabalhar com mobilização social dentro dessas comunidades, mas também trabalhar com processos em que as comunidades sejam protagonistas dos processos comunicacionais”, afirma contou Milena.

ComCom é um programa da FAC que atua nos três pilares da universidade, possui o ensino, que é a disciplina, a pesquisa e iniciação científica e a extensão. O surgimento do programa foi em meados de 2001 e gerou, entre outros, o projeto Ralacoco, uma emissora de rádio laboratório de comunicação comunitária criada por estudantes a partir de mobilização em torno de uma greve geral na UnB na época. A professora ainda ressalta a importância da extensão para todos que estão envolvidos nos projetos.

“A gente vê que é um momento em que as ações da universidade saem desses espaços físicos, saem desses muros e conseguem chegar em outros espaços, em outros públicos, consegue chegar na comunidade externa”. Isso é relevante não só para o aluno, não só para a comunidade, não só para a universidade, mas para a população como um todo porque, se você parar para pensar, é um momento em que isso tudo se articula”, contou.

Milena Marra destaca que uma de suas preocupações é a continuidade das ações, como por exemplo o projeto das quais ela participa, como

o “Nossas Vozes”. Trata-se de uma oficina de comunicação para adolescentes que estão em situação de conflito com a lei, em cumprimento de medidas socioeducativas e em situação de evasão escolar no Paranoá. Ela diz que é de importante lembrar que os projetos de extensão não se destinam unicamente a levar conhecimento para a comunidade, mas trocar conhecimento com esse ambiente externo.

“A gente não pode pensar que esse é um processo hierárquico, em que nós estamos indo levar conhecimento para uma comunidade que não possui. Essa não é a proposta, a proposta é justamente uma troca de saberes entre universidades e comunidades. Então é essa troca que faz a extensão, não é um processo hierárquico que os estudantes universitários levam conhecimento a aqueles que não tem”, ressaltou.

Diversidade em extensão

Segundo dados fornecidos pela Universidade de Brasília para a Campus Repórter, atualmente existem 1.430 ações de extensão em execução nos quatro campi da universidade, sendo 1.098 no campus Darcy Ribeiro, 124 na Faculdade UnB Planaltina (FUP), 40 na Faculdade UnB Gama (FGA) e 168 na Faculdade UnB Ceilândia.

Os dados ainda mostram que há 53 outras ações aprovadas, que aguardam o coordenador colocar a atividade em execução. Os projetos de extensão são diversos e existem em todas as áreas e tipos de atribuições da universidade, eles oferecem um leque de oportunidades para os estudantes exercerem suas atividades.

Um exemplo é o aplicativo Guardiões da Saúde, muito importante nos momentos mais críticos da pandemia de Covid-19. Foi criado em parceria da Associação Brasileira de Profissionais de Epidemiologia de Campo (ProEpi) e da Sala de Situação - UnB, criada em agosto de 2017, a partir do projeto de extensão FS Saudável, coordenado pelo professor Dr. Jonas Brant.

COMO POSSO SER UM GUARDIÃO DA SAÚDE?

- 1** Baixe o aplicativo “Guardiões da Saúde” na Play Store ou na Apple Store
- 2** Inscreva-se no aplicativo e pronto! Use o aplicativo **diariamente** informando como está sua saúde neste momento!
- 3** Quanto mais você usa, mais você estará perto dos 4 créditos para sua graduação!
- 4** Compartilhe com seus amigos e parentes! Quanto maior a rede de Guardiões da Saúde, mais efetiva será a resposta ao Coronavírus

Sendo um Guardião da Saúde você contribui para um melhor monitoramento da Covid-19

UnB ProEpi GUARDIÕES DA SAÚDE

Flyer para as redes da UnB sobre o funcionamento do app Guardiões da Saúde

A Sala de Situação tem como objetivo apoiar no monitoramento, análise e definição de ações em saúde junto aos estudantes e gestores em saúde na tomada de decisão, visando ser uma referência nacional e internacional. Para o enfrentamento de cenário de crise, ela está fundamentada em quatro eixos: Gestão, Comunicação, Vigilância e Tecnologia da Informação.

Através do aplicativo Guardiões da Saúde, é possível fazer o registro do seu estado de saúde diário, o que serve e ajuda a mapear a situação do DF e do país em relação à Covid-19. Como forma de incentivo aos alunos da UnB, era concedido quatro créditos caso os estudantes reportassem o estado de saúde corretamente.

Outro exemplo é o projeto de extensão Ciências Sociais nas Escolas (CiSo) desenvolvido por estudantes e está ativo desde 2017 e foi institucionalizado em 2019. O projeto tem como objetivo valorizar a licenciatura em Ciências Sociais e proporcionar aos discentes do curso a oportunidade de estar em sala de aula, fomentando a atuação docente e proporcionando esse contato com a escola e o ensino básico ainda durante a graduação.

A atuação do CiSo ao longo dos 5 anos de projeto se deu em escolas de ensino médio e unidades de internação socioeducativas em regiões administrativas do DF, como São Sebastião, Santa Maria, Recanto das Emas, Sobradinho, Taguatinga e Núcleo Bandeirante.

Além das atuações em sala de aula, o CiSo também possui outras áreas de trabalho, como o CiSo Online, que é responsável por produzir conteúdos informativos para as redes sociais. Atualmente, o projeto atua em duas escolas: o Centro Educacional Stella dos Cherubins Guimarães Troi, de Planaltina, e o Centro Educacional Agrourbano Ipê, do Riacho Fundo II.

Como forma de trazer a inclusão de pessoas com deficiência no esporte, há o Grupo de Estudo da Natação Especial (GENES), da Faculdade



de Educação Física (FEF). Trata-se de um Projeto de Extensão de Ação Contínua (PEAC) que possui duas linhas de atuação. A primeira são aulas de natação para as pessoas com deficiência, de todas as idades, que possuem interesse em aprender a nadar para a saúde ou qualidade de vida, sob a supervisão dos professores Alexandre Rezende e Paulo Gutierrez.

A segunda são treinos de natação paraolímpica para atletas interessados em competir, sob a supervisão do professor Marcus Lima. Nas extensões da FEF há outros PEAC's de diversos esportes, como o basquetebol, capoeira, taekwondo, judô, karatê, jiu jitsu e wushu. A finalidade principal é de mobilizar a comunidade acadêmica para o desenvolvimento do esporte na UnB, em uma perspectiva acadêmica, comprometida com a formação profissional aplicada ao esporte e a produção de conhecimentos e tecnologias adequados ao contexto universitário.

Experiência de graduanda em extensão

Em entrevista para a Campus Repórter a extensionista e graduanda em filosofia, Marília Neves, 22 anos, contou sobre as suas vivências em projetos de extensão da UnB. Ela faz parte da extensão desde agosto de 2020, há dois anos, em um projeto que reúne um grupo de estudantes da universidade que produzem materiais de apoio referente ao Programa de Avaliação Seriada (PAS) para alunos de Planaltina.

O programa, intitulado “Do Centrão para a UnB”, é vinculado a um projeto de extensão coordenado pelo professor Jair Reck, o “LEdoC Itinerante: Seminários Campo e Cidade, nas Escolas e Comunidades de Inserção - da Faculdade UnB Planaltina (FUP). Segundo Marília Neves, a experiência de fazer parte do programa foi bastante recompensadora.

“Esse projeto me ajudou muito com relação a minha perspectiva de professora, porque a gente perdeu muito do contato com as escolas durante a pandemia, não teve estágio presencial, e os alunos estavam com sacoleiro de entrar em aulas remotas”. Estudantes mandaram mensagens falando que estavam ajudando muito o projeto durante a pandemia, que “aprendiam muitas coisas com os resumos que a gente postava lá, isso dava uma esperança para a gente que coisas boas podem surgir no meio de um caos”, contou a extensionista.

Marília Neves ainda conta que as transmissões ao vivo na rede social ainda tiveram a presença de outros colegas do curso de licenciatura, que ajudavam a produzir os conteúdos. Segundo ela, a partir disso os discentes aproveitaram a ocasião para exercer a docência, pois os estágios não estavam funcionando no período pandêmico. “Foi um benefício tanto para quem está na universidade quanto para quem está na escola pública”, contou.

A estudante destaca a importância dos projetos de extensão a partir de outra vivência pessoal antes mesmo de entrar na UnB. Ela só conseguiu entrar na universidade porque foi aluna no projeto de extensão “Educação Planaltina”, que é outro programa da FUP no formato de um cursinho pré-vestibular voltado para estudantes de escolas públicas da região.

“Eu nunca tive condições de pagar um cursinho pré-vestibular na minha vida, inclusive a minha irmã está tendo aula lá. Para quem é da periferia, da escola pública, a extensão é totalmente necessária. É necessário que a gente leve os conhecimentos que estamos produzindo aqui dentro pra ver o que os alunos estão pensando lá fora, é nesse sentido que a educação e a extensão é importante”, ressaltou Marília Neves.



No plano, Fora do Plano

Imagens: **Zuleika de Souza**

Perto ou longe e fora do Plano Piloto, vivem a maioria dos habitantes do Quadrado. Fora do traçado de Lúcio Costa existem 32 cidades outrora chamadas de "Satélites" e hoje de "Regiões Administrativas".

Nas quebradas como muitos jovens chamam afetivamente suas cidades, a vida corre uma certa independência, algumas com histórias que antecedem a capital e todas as características arquitetônicas bem diferentes do Plano Piloto.

Para essa mostra, fiz um pequeno recorte dos últimos quatorze anos de andanças pelos quatro cantos do Distrito Federal, para documentar a vida e seus personagens Fora do Plano.











A IMORTALIDADE DO CARVÃO MINERAL EM SANTA CATARINA

Em um cenário internacional de descarbonização, o Brasil está na contramão de uma transição energética justa.

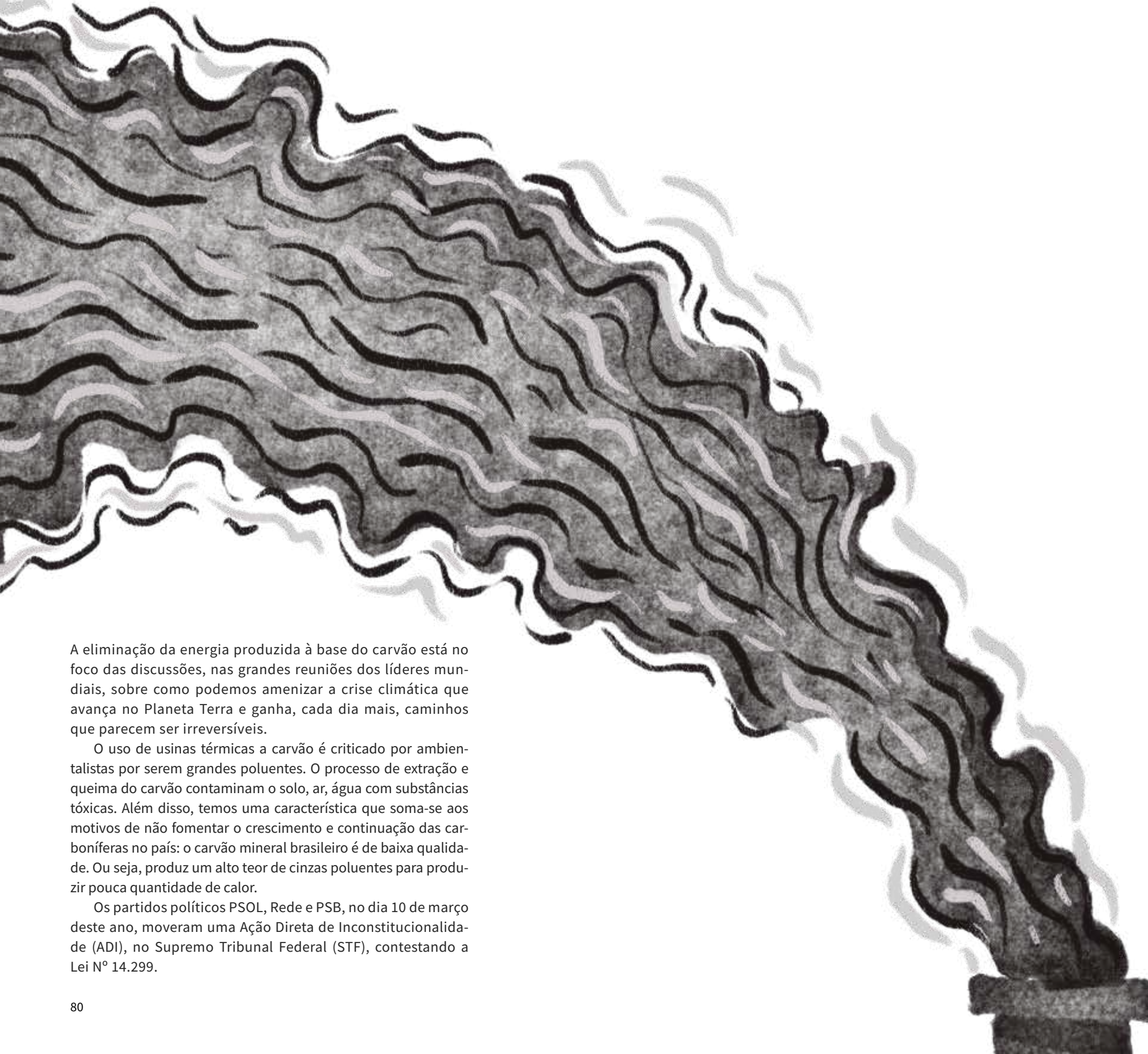
Reportagem: **Anny West**
Diagramação: **Lara Perpétuo**
Ilustrações: **Daniel Freitas**

O presidente Jair Bolsonaro sancionou a Lei N° 14.299, em 5 de janeiro de 2022, que prorroga até 2040 os subsídios ao carvão mineral para a geração de energia e que, também, trata da “Transição Energética Justa”. A promulgação da lei favorece o grande parque de usinas do Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, localizado em Capivari de Baixo, em Santa Catarina.

A medida vai na contramão de um movimento global de abandonar o uso de carvão para a produção de energia. A ação do Governo Federal levantou muitas discussões que envolvem o cenário internacional, grupos de empresários, institutos, ambientalistas, partidos políticos e trabalhadores do setor acerca da utilização do carvão mineral.

O complexo Jorge Lacerda, que tem oito termelétricas, torna Capivari de Baixo, um município de apenas 25 mil habitantes, o maior emissor de gases de efeito estufa por metro quadrado do Brasil.

As atividades na usina tinham data para acabar em 2025, como foi anunciado pela antiga proprietária Engie Brasil Energia (EGIE3), com objetivo de sair da geração térmica a combustíveis fósseis e focar na geração a partir de fontes renováveis. Mas com a prorrogação dos subsídios, por mais 15 anos, o parque de usinas ganhou uma sobrevida.



A eliminação da energia produzida à base do carvão está no foco das discussões, nas grandes reuniões dos líderes mundiais, sobre como podemos amenizar a crise climática que avança no Planeta Terra e ganha, cada dia mais, caminhos que parecem ser irreversíveis.

O uso de usinas térmicas a carvão é criticado por ambientalistas por serem grandes poluentes. O processo de extração e queima do carvão contaminam o solo, ar, água com substâncias tóxicas. Além disso, temos uma característica que soma-se aos motivos de não fomentar o crescimento e continuação das carboníferas no país: o carvão mineral brasileiro é de baixa qualidade. Ou seja, produz um alto teor de cinzas poluentes para produzir pouca quantidade de calor.

Os partidos políticos PSOL, Rede e PSB, no dia 10 de março deste ano, moveram uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI), no Supremo Tribunal Federal (STF), contestando a Lei Nº 14.299.

Para os partidos políticos, a ação visa lutar para não estender o financiamento público ao mais poluente dos combustíveis fósseis. Além disso, pontuam o fato de que a legislação distorce o conceito de “Transição Energética Justa, determinando, explicitamente, o não abatimento de carbono, o que contribui para a continuidade da emissão de grande volume de gases de efeito estufa”.

A ADI contestando a Lei Nº 14.299 tem o apoio do Observatório do Clima (OC), Observatório do Carvão Mineral, e Instituto ARAYARA.org, que entraram como “*amicus curiae*” dos partidos no STF.

Para o presidente do Instituto ARAYARA, Juliano Bueno de Araújo, o governo de Santa Catarina distorce um modelo do que é Transição Energética Justa, que é um conceito global bem consolidado, e estabelece quase que uma espécie de lei que aplica uma técnica de “*greenwashing*” – injustificada apropriação de virtudes ambientalistas por parte de organizações ou pessoas.

“Estamos aguardando o julgamento no STF, pois há inconstitucionalidade. O carvão gera passivos ambientais e sociais, além de ser muito caro e ineficiente, sobrevivendo apenas por subsídios. A ADI contesta a legitimidade dessa tomada de decisão do Governo Federal e do próprio Congresso Nacional. Essa lei é justa para quem?”, diz o presidente do Instituto ARAYARA.

O advogado especialista em direito constitucional Camilo Onoda Caldas explica que uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) é um instrumento de controle concentrado da constitucionalidade, no qual o julgamento sobre a conformidade ou não de uma lei à luz da Constituição Federal é feito diretamente pelo STF.

“Uma ADI tem essa especificidade e torna-se diferente de outras ações onde há um controle difuso de constitucionalidade e tramita em diversas instâncias, até chegar em grau de recursos ao STF. Outra diferença é a de que uma ADI só pode ser movida por alguns entes específicos previstos na Constituição Federal, dentre os quais, os partidos políticos”, esclarece o especialista.

Mas o debate sobre a sanção da lei não se dá apenas por dados ligados diretamente ao impacto das emissões de gases do efeito estufa. Existe, na região de Santa Catarina, uma movimentação política acerca do Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, pois a carbonífera está ligada ao desenvolvimento socioeconômico da região.

De acordo com o Sindicato Indústria de Extração Carvão do Estado Santa Catarina (SIECESC), o parque de usinas possui uma cadeia produtiva que movimenta 6 bilhões de reais ao ano e emprega mais de 20 mil pessoas no estado.

Dentro dessa teia está presente toda a indústria de extração de carvão mineral, o setor de logística (principalmente a Ferrovia Tereza Cristina, que leva o combustível das minas para a usina) e indústrias produtoras de cimento, que usam as cinzas resultantes da queima do carvão na termelétrica como insumo.

Para o Sindicato dos Mineiros na Extração do Carvão, Pedra e Areia de Santa Catarina, a sanção da Lei Nº 14.299 foi importante porque dá voz à categoria dos trabalhadores na implementação do Programa de Transição Energética Justa.

“Podemos contribuir e defender os interesses de nossa classe, propor ações que venham a proteger nossos empregos e gerar novas oportunidades para nós e nossas famílias. Temos, agora, a tranquilidade para trabalhar nesse horizonte até 2040. Teremos tempo para planejar com previsibilidade e segurança”, destaca o presidente do sindicato, Djonatan Elias.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA E CENÁRIO INTERNACIONAL

Em 8 de julho de 2022, o governo criou o decreto 11.124/2021, para viabilizar a Lei Nº 14.299, que trata do Conselho do Programa de Transição Energética Justa e do Plano de Transição.

O termo “transição justa” apareceu pela primeira vez no Acordo de Paris, de 2015, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – 21.^a (COP 21) –, e tratou sobre medidas de redução de emissão de gases do efeito estufa. Até junho de 2017, 195 países assinaram o acordo, e 147 destes, entre eles o Brasil, o ratificaram.

O termo transição justa refere-se às mudanças para uma economia verde com diversas formas de geração de energia limpa, onde os trabalhadores de carboníferas e de setores ligados à queima de combustíveis fósseis não sejam prejudicados e tenham suas vidas e rendas diretamente afetadas.

“Tendo em conta os imperativos de uma transição justa da força de trabalho e a criação de trabalho decente e empregos de qualidade, de acordo com as prioridades de desenvolvimento nacionalmente definidas”, é o que diz o texto do Acordo de Paris, 2015.

De acordo com dados do Ministério de Minas e Energia, a capacidade instalada total de geração de energia via termelétricas a carvão mineral no Brasil é de 2%, sendo apenas 1,3% a contribuição na produção do país.

Segundo dados do Grupo de Trabalho de Santa Catarina (GT-SC), do Ministério de Minas e Energia, o Complexo Jorge Lacerda tem capacidade total instalada de 857 MegaWatts e opera com apenas 60% de sua capacidade. As informações apontam que a sua representação é ínfima diante dos 621.219 GigaWatts calculados, em 2020, na capacidade total de geração brasileira.

Porém o Complexo receberá cerca de R\$3,3 bilhões, até 2025, e ainda mais subsídios com a prorrogação dos contratos definidos pela lei até 2040. Para Juliano Araújo, esta lei e o decreto são políticas públicas pró-carvão, não de transição, e incentivam e subsidiam a mineração e a queima do carvão mineral em SC.

“As medidas não estão alinhadas com as políticas brasileiras de mudanças climáticas e acordos internacionais ratificados pelo Brasil na Convenção da ONU de Clima, como Acordo de Paris que foi definido pelo STF como uma legislação de direitos humanos, visto ser tão necessário o abatimento das emissões de gases de efeito para atendimento metas brasileiras. Esta Lei de Transição INJUSTA, não é para todos”, enfatiza o presidente do Instituto ARAYARA.

Já para o presidente do Sindicato dos Mineiros na Extração do Carvão, Pedra e Areia de Santa Catarina, Djonatan Elias, o conceito de Transição Energética Justa trata-se de olhar o lado social no movimento de descarbonização. “Precisamos manter os empregos com o mesmo nível salarial. Se acabar com a indústria da mineração e com a cadeia produtiva, vai afetar os empregos e os trabalhadores. Precisamos que haja um Plano de Transição que leve tempo para ser executado. A manutenção da usina, que é o coração da cadeia produtiva, propicia o tempo necessário para construir uma economia de baixo carbono”, diz Elias.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), ao ser questionada, pela reportagem, sobre a participação na aplicação do Programa, respondeu que não existe previsão legal para a participação no Programa de Transição Energética Justa.

A discussão sobre a substituição de combustíveis fósseis por energias limpas e renováveis, o aumento de eficiência energética e o desenvolvimento de tecnologias que removam emissões da atmosfera estão longe de acabar.

A construção do conceito sobre transição energética ganhou maior ênfase, em 2021, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – 26.^a (COP 26) –, realizada entre 1 e 12 de novembro de 2021 na cidade de Glasgow, na Escócia. Durante o evento, o Brasil assumiu uma série de compromissos sobre metas climáticas, conhecidas como Contribuição Nacionalmente Determinada (NDCs).

A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima pede que os países signatários do acordo apresentem uma estratégia de longo prazo, com objetivos até o meio do século compatíveis com as metas de manter o aumento da temperatura

global bem abaixo de 2°C. O Brasil comunicou a intenção de chegar à neutralidade climática até 2060, porém o texto é vago e não apresenta uma estratégia formal de longo prazo nem detalha planos ou medidas para alcançá-la.

Para o Instituto ARAYARA, o Brasil não vai conseguir cumprir esses compromissos transformando o país em um grande gerador e usuário de energia fóssil. “A sanção da Lei Nº 14.299 afasta o país de uma agenda verde e corrobora esse cenário de destruição, que infelizmente, hoje, temos que assistir”, pontua o presidente do Instituto.

SANTA CATARINA E O CARVÃO MINERAL

A utilização do carvão mineral começou no estado de Santa Catarina, de forma artesanal, no final do século XIX. Mas já em 1870, temos a primeira companhia, de origem britânica, explorando o carvão na região, The Tubarão (Brazilian) Coal Mining Company Limited. Porém a empresa não durou tanto tempo, pela baixa competitividade do carvão brasileiro.

Durante a Primeira Guerra Mundial e o aumento do consumo do carvão, o Governo Federal passou a ter dificuldades devido à grande distância entre onde

encontrava-se as minas e os grandes centros. Logo, empresas nacionais surgiram e reverteram a situação com o investimento na própria indústria do carvão e na construção das estradas de ferro.

Em 1885, a inauguração da Ferrovia Tereza Cristina, no território catarinense, propiciou o aumento de companhias de mineração na região, que começou a ocorrer em 1917. A obra foi um marco para a integração da região Sul, pois foi o meio de transporte para o escoamento do carvão para trens e navegação.

Já na Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), houve mais uma vez um grande investimento por parte do Governo Federal que impulsionou a indústria do carvão, em especial em Santa Catarina, o que facilitou a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1941, durante o governo de Getúlio Vargas. O carvão ia para a indústria e era beneficiado em Capivari de Baixo.

O livro *História do Carvão de Santa Catarina*, lançado em 2002, mostra que a produção na região consolidou setores empresariais que corroboraram para o aumento demográfico da Região Sul e, consequentemente, atrelando-se a um desenvolvimento socioeconômico com repercussão nacional e internacional.

COMPLEXO TERMELÉTRICO JORGE LACERDA

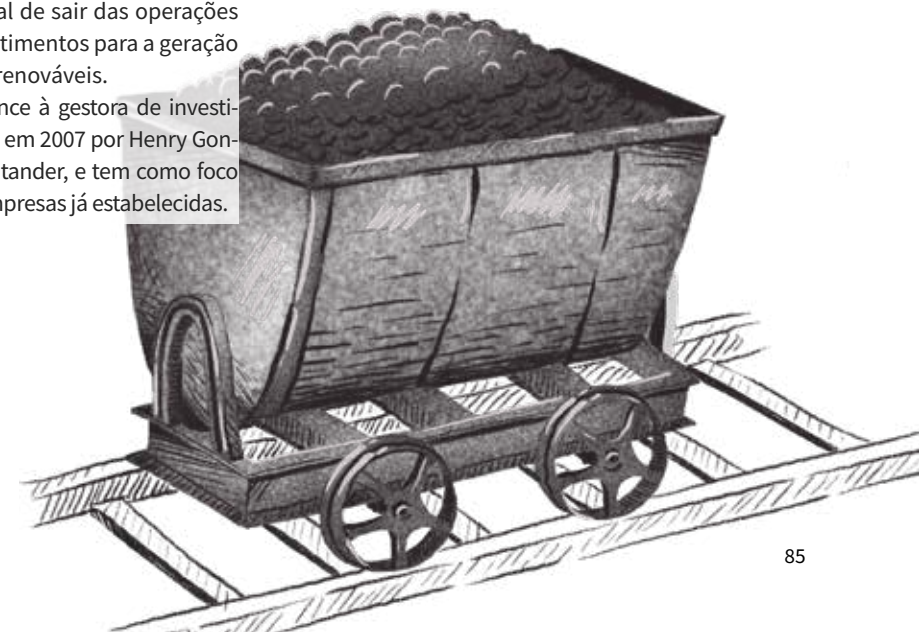
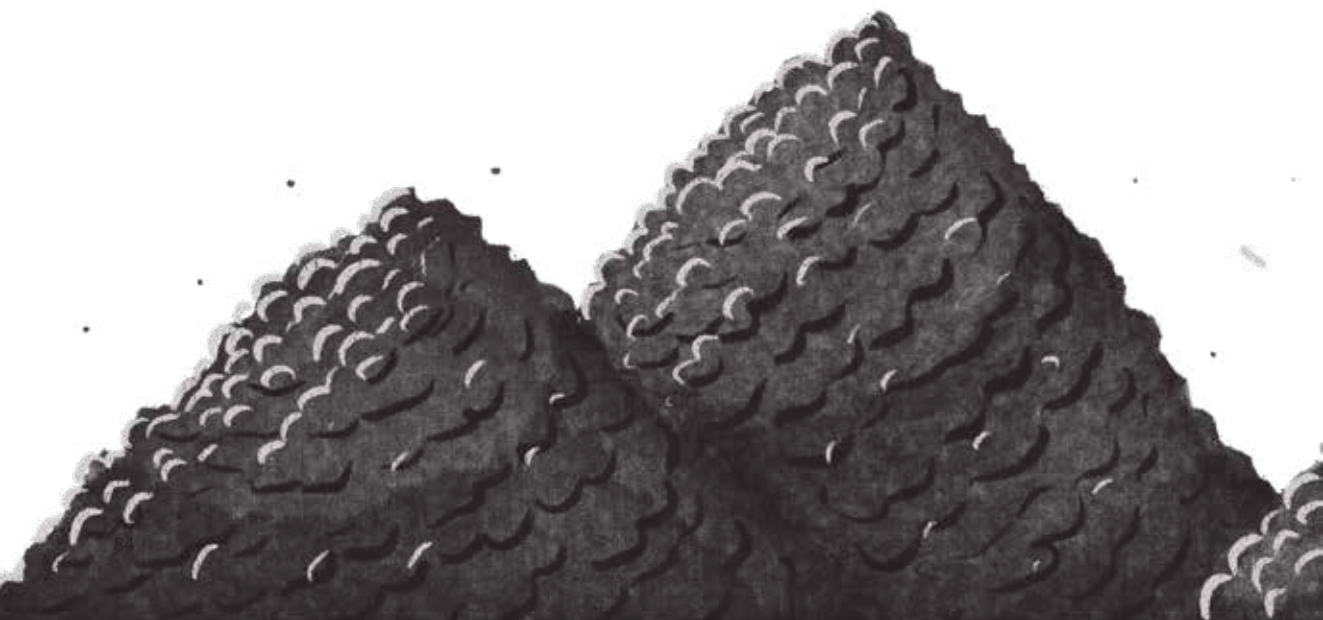
O Complexo Termelétrico Jorge Lacerda (CTJL), localizado no município de Capivari de Baixo, soma 857 MW de capacidade instalada e, de acordo com dados do Observatório do Carvão, consome 97% de todo o carvão produzido em Santa Catarina.

Diante da grande relevância do Complexo, é importante entender a sua história. Fundado em 1957, no governo Jorge Lacerda (1956-1958), que inclusive foi o nome dado à obra, o Complexo Termelétrico Jorge Lacerda surgiu com as finalidades de aproveitar parte do carvão mineral extraído das minas ao redor e gerar energia elétrica, em um período de grande expansão do desenvolvimento industrial. A construção contou com o esforço de autoridades federais e estaduais, apoiadas por empresários, grupo que até hoje exerce grande influência no setor do carvão.

O CTJL, em 1972, foi incorporado à Eletrosul – empresa pública controlada pela Eletrobrás e vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Mas, com a política de privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), no ano de 1997 passou a pertencer ao controle privado da Tractebel Energia GDF Suez, atual ENGIE Brasil Energia (EGIE3), que faz parte do grupo empresarial francês ENGIE.

Em outubro de 2021, a ENGIE confirmou a venda do Complexo para a Fram Capital, por R\$ 325 milhões. A empresa resolveu se desfazer do ativo por estar alinhada com a estratégia global de sair das operações a carvão e direcionar os investimentos para a geração de energia a partir de fontes renováveis.

Atualmente, o CTJL pertence à gestora de investimentos Fram Capital, fundada em 2007 por Henry Gonzalez, um ex-executivo do Santander, e tem como foco principal investimentos em empresas já estabelecidas.



Expediente

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e estudantes das disciplinas Laboratório Campus Repórter e Oficina de Diagramação.

Faculdade de Comunicação/UnB

Editor-executivo

David Renault

Direção de arte

Célia Matsunaga

Direção de Fotografia

Marcelo Feijó

Reportagem

Anny West, Brenda Silva, Gabriel de Sousa, Gláucia Porfíria, Jonatas Martins, Luis Oliveira, Manoella Oliveira, Marcos Nailton, Pedro Salles e Ruan Acioli

Fotografia

Gabriel de Sousa, Guilherme Damasceno, Lara Perpétuo, Matheus Ritchelly e Zuleica Sousa

Ilustração

Ana Laura Pinheiro, Daniel Freitas e Guilherme Damasceno

Projeto Gráfico: **Ana Laura Pinheiro, Fernanda Fonseca, Guilherme Damasceno e Lara Perpétuo.**

Capa

Ana Laura Pinheiro

Arte-Final

Guilherme Damasceno

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

Diretora

Prof. Dione Oliveira Moura

Vice-Diretor

Prof. Armando Bulcão

Departamento de Audiovisuais e
Publicidade (DAP)

Chefe

Prof. Isabela Lara Oliveira

Vice-Chefe:

Prof. Eduardo Bentes Monteiro

Departamento de Jornalismo (JOR)

Chefe

Prof. Solano Nascimento

Vice-Chefe:

Prof.ª Ana Carolina Kalume Maranhão

Departamento de Comunicação
Organizacional

Chefe

Prof.ª Fabíola Orlando Calazans Machado

Vice-Chefe:

Prof.ª Tatiana Lionço

COLETA SELETIVA, uma atitude inteligente e solidária



**Use as ilhas de lixeiras coletivas dos
corredores para descartar resíduos sólidos**

Quando usamos lixeiras individuais, a possibilidade de reciclagem dos resíduos sólidos diminui. Ao utilizarmos a ilha de lixeiras coletivas, a reciclagem aumenta. Essa atitude ajuda o meio ambiente e gera renda para quem precisa.



UnB | SeMA

Secretaria de Meio Ambiente
Prefeitura da UnB



F3

3 3
W
S
X
Alt

10/10/10

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100